

ASSIGNATURAS	
ANNO.	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
—
APARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Como personagem sympathico, meio independente, meio arisco ás manobras da politicagem, o conselheiro Affonso Penna passou da monarchia para a Republica suavemente, sem interrupção, sem abalo da sua carreira de estadista, procurando supprir as desvantagens da minguada estatura physica com elevações moraes e éstos combativos, assignalados na Camara dos deputados, em discursos que, si lhe não conquistaram louros ciceronianos, deixaram, pelo menos, consideravel relevo do seu character e da sua capacidade.

O torvelinho revolucionario confundiu, desordenadamente, homens, instituições, partidos, idéas, tradições, costumes, improvisando uma situação politica que, depois de quinze annos de experiencia, não conseguiu ainda definir nem precisar os idéas da nossa patria, condensados numa Constituição mal amassada, dura de roer e causadora da dyspepsia flatulenta que amargna os tristes dias da politica.

Mas... aguas passadas não impulsivam o moinho em que se tritura a farinha para o succulento pão das ambições incontentaveis. Poucos evocam das brumas da memoria a figura do candidato á successão do honrado sr. Rodrigues Alves, comprimida na farda de ministro, tripolante da canôa do conselheiro Lafayette, esse timoneiro desengauado dos roteiros da democracia, brandindo a canna do leme com a ironia de um septico mais afeiçoado ao humor de Molière, aos profundos preceitos de Sancho Pança, ás parabolias de Lafontaine, do que ás fórmulas rigidas dos tratadistas, modeladores do systema parlamentar; poucos se lembram da rapida carreira e da passagem do homem, hoje em deslumbrante fóco, pela Camara: todos os olhares, concupiscentes do gozo

sensual das altas posições, se voltam lubrificadas de ternuras para o homem que adquiriu, actualmente, a mais sublime das qualidades, um attributo quasi divino, de fascinações captivantes, irresistiveis, o homem que váe ser presidente da Republica.

Perderam de todo a memoria aquellos que lhe verberaram a capacidade de administrar que lhe imputaram impulsos megalomanos, a construcção de Bello Horizonte exgotando os recursos financeiros do riquissimo Estado de Minas Geraes, quando o sr. Affonso Penna, por ventura a contragosto, cumpria um imperativo preceito legal; metteram a viola no sacco de nu silencio prudente, os descontentes que o accusavam, com despeitada vehemencia, de não saber crear amigos e de ser por isso o homem menos adequado a formar, a engordar um partido homogeneo, unido e forte para todos os azares da politicagem, um homem que não podia merecer a confiança dos correligionarios por ser muito acanhado, muito embaraçado numas filigranas de melindres, numas teias de escrupulos puerís e viver na perenne preocupação de umas tantas linhas rectas muita vez desviadas das conveniencias, dessas famosas conveniencias justificativas de tantos erros monstruosos, de tantos crimes nefandos, creadores dessa moral que deprime, que envergonha a infancia da Republica.

Ha, todavia, alguns cidadãos, não deslumbrados pelas opulencias do poder, afastados das scintillações das apothoses officiaes, mania epidemica da actualidade, habituados á obscuridade modesta e nobre, donde se distinguem com mais nitidez as feições verdadeiras dos personagens e dos factos, homens excluidos de candidaturas legitimas ou incontinentes, aos quaes occorre, entre os rumores das ovações hypocritas dos alvicareiros de todos os adventos, o serviço inestimavel que o sr. Affonso Penna

preston á Republica, no transe doloroso em que ella esteve ameaçada pela dictadura militar

Contestado, embóra, pelos fanaticos ou pelos interessados, não é menos verdadeiro que a victoria de Floriano Peixoto sobre a revolta de setembro esteve para desandar no prolongamento da dictadura, até que ficasse completamente pacificado o paiz á maneira musulmana. Perlidos conselheiros, ou demagogos de bôa-fé insinuavam monstruosa violação da Constituição como consequencia daquella outra que prescindiu da eleição do successor do immortal Deodoro da Fonseca. Naquelle caso, uma interpretação cerebrina, forjada nas indicações e temores da revolução triumphante contra o golpe do Estado do sr. barão de Luceua, na impressão de estupor da surpresa pela renuncia do presidente, elevou á suprema magistratura um vice-presidente que se não havia evidenciado na direcção dos negocios publicos, esquivando-se, systematicamente, de exercer a sua apagada função de presidir o Senado; no segundo caso, o benemerito trabalho da pacificação e os legitimis intuitos de saborear os fructos da victoria, indicavam, como medida urgente imprescindivel, poupar á nação o abalo de uma eleição presidencial em tão precarias condições, quando se não amainára, de todo, o tufão revolucionario, quando não se coagulára o sangue dos combates, nem arrefecera o vulcão de odios.

O projecto de dictadura esteve a pique de execução e seria uma funesta realidade sem a intervenção de um forte impulso de bom senso patriotico, sobrevivente áquelle periodo de loucura, de fanatismo, de exacerbações irrepressiveis.

A tentativa de prescindir da eleição presidencial fracassou ante a attitude energica de Minas Geraes num protesto que penetrou o amago da alma nacional, protesto concretizado numa

carta do sr. Affonso Penna, carta que é uma bella pagina esquecida da historia contemporanea.

O Marechal de Ferro attendeu-a e, contra a opinião de todos os proceres, que formavam em torno delle uma barreira de isolamento, mandou proceder á eleição do inolvidavel Prudente de Moraes.

Mas não desanimaram os amigos fanaticos. Feita a eleição, tentaram ainda não entregar o poder ao presidente eleito, violencia que foi frustrada pela negativa formal das potencias amigas a uma consulta feita pelas vias diplomaticas. O governo norte americano responden que o seu representante estaria junto do presidente eleito, onde quer que elle se achasse, não reconhecendo jámais o governo dictatorial quaesquer que fôsem as razões occasionaes justificativas desse projectado hiato constitucional.

Desses factos memoraveis, hoje olvidados completamente, se dedúz que o sr. Affonso Penna foi o eleitor de Prudente de Moraes, evitando com aquella famosa carta, mareasse o Marechal de Ferro a sua gloria com uma violencia, muito ao sabor das idéas rnbrias do momento, mas de consequencias cuja extensão funesta ninguém poderia prever.

Esse serviço, que lhe foi imputado como peccado de sebastianismo impenitente, deve ser agóra lembrado para justificar o voto dos obscuros, dos isentos de ambições, voto symbolico, inspirado por um movimento de gratidão civica, sobre a qual passou mais de uma decada.

Seria de incontestavel oportunidade reeditar essa carta para demonstrar como pensava o sr. Affonso Penna, na crise politica, em que a opinião, exaltada pelas entontecedoras emanações da polvora, era dirigida pelos famosos *Tres Sargentos*, do Paiz.

Não é mais indiscreção dizer que esse pseudonymo mal disfarça tres individualidades de marca: um ministro do Marechal de Ferro, o sr. Cassiano do Nascimento, que feriu a sua derradeira batalha como general da Concentração, agóra atacado de neurasthenia repulsora da politica; Alcindo Guanabara, que continúa no mesmo posto de combate; Nilo Peçanha, que conquistou com estupendos actos de bravura os bordados de ma-

rechal. E como os homens se modificam com a idade, como o attricto do tempo corrôe o maravilhoso esmalte das phantasias da juventude, esses aguerridos *Tres Sargentos* de outr'óra são hoje tres pacificos cidadãos, cujos cabellos salpicados de branco se arrepiam de horror á idéa de dotar a patria com as delicias de uma dictadura militar.

Nós não sabemos si os annos, a experiencia das funcções democraticas, si a actividade mental do sr. Affonso Penna, na politica e na cadeira de economia politica, alteravam as suas linhas caracteristicas; é de prever que s. ex. esteja preparado com copioso material para executar o seu plano de governo de maneira que a sua plataforma não seja como outros documentos desse genero de litteratura politica, um ramalliate de promessas de existencia ephemera, flôres de esperanza desabrochando perfumosas, videntes, de colorido seductor, crestadas na manlã segninte pelo calor do sol da realidade, desfolhadas cruelmente pelo gelido tufão do olvido.

* *

E' cedo para fazermos indicações de amigos, ou commentarmos a plataforma do futuro presidente, cheia de generalidades, de logares communs obrigatorios, indicadas pelas conveniencias, pelas restricções de quem está ainda dependente dos votos dos *leaders* da nação, aos quaes se aggregam, numa concomitancia interesseira, os olygarchas, parasitas do poder, representantes da especie de marsupiaes que, como o governador Accioly, do Ceará, trazem no ventre o sacco das ambições inconfessaveis onde se nutre a ninhada de uma prole infinita.

A verdade, a sinceridade teem, como todos os actos humanos, de se subordinar ás circumstancias da oportunidade, indispensaveis para o successo.

Não podemos, entretanto, recusar ao sr. Affonso Penna o merecimento de haver tocado, com mão de professor, nas questões de ordem economica, capitulo essencial do seu programma, nem lhe desconhecemos a rectidão de espirito, já provado em outras funcções não menos importantes.

Mas s. ex. já está sendo sitiado pela muralha chinesa da politicagem que

adheriu pressurosa á feliz iniciativa da colligação. Ella é o perigo, ella é o obstaculo, ella é o inimigo, ella é a deturpação conspurcadora do regimen democratico. Evite-a o sr. Affonso Penna; afaste-a do seu caminho e abrirá larga avenida luminosa ás suas idéas, aos puros elementos de concurso, para a execução do seu plano patriótico.

Tenha coragem para isso, e terá tido uma radiosa qualidade de homem de governo em paiz civilisado. Sem essa virtude, que é hoje essencial entre nós, o sr. Penna não levará ao cabo os seus projectos.

POJUCAN.

Confessamos que temos um especial prazer com a publicação do seguinte escripto, intitulado *Esphynge*. Não é uma sublimidade, nem um phenomeno. Ahi, de facto, não se revelam, sob o assombro do publico, *as coisas ainda inéditas*. Mas, si lhes dissermos, sem indiscreção, que o auctor tem apenas dezeseite annos, hão de couvir que o trabalho do sr. Abner Mourão é, pelo menos, para não ir mais longe, obra muito mais estimavel que a litteratura que, todos os domingos, jorra da penna de um dos nossos mais populares escriptores. E', certamente, notavel que um espirito, tão tenro, tão pouco experimentado em escrever — tarefa que ainda é o desespero de muitos espiritos anciosos — possa dar o pensamento, a sobriedade brilhante de *fôrma* e a perfeita correção de linguagem que se vão notar.

A' maneira do que fez a *Revue*, de Pariz, publicando, ha cerca de um anno, versos de um poeta de dez annos, os *Annaes*, a titulo de estimulo, mas sem favor, inserem o conto do jovem escriptor.

ESPHYNGE

Alva, mais alva que os lyrios e os acetabulos que desabrocham á noite, sob a mudez do céu, era Judith, a filha do summo sacerdote.

Quando ella surgia, pendurando-se do braço do pae, as suas faces eram ainda mais brancas que a barba e os cabellos de neve do patriarcha, ou do que as peunas dos ibis que passejavam vagarosamente nas margens ferteis do Nilo. E os lotns e todos os nenuphars do Egypto invejavam, de certo, a alvura resplandecente daquella virgem que parecia ser formada par essa materia cosmica astral e luminosa dos sóes.

Adoravam-na os filhos de Israel, que nella viam um anjo protector mandado por Jeovah para dulcificar-lhes os duros trabalhos impostos pela crueldade de Pharaó, que lá do seu palacio, do throno de ouro e marfim, fazia

correr por toda a parte o sangue rubro como os rubis da sua corôa ou como as papoulas que se desfaziam em chagas ardentes ao quente beijo da luz. Respeitavam-na e amavam-na também os Egypcios por acharem-na semelhante a Isis, sua deusa, e por ser immacula e pura como os mysterios sagrados daquella divindade. «Feliz, diziam, aquelle que possuir o coração de Judith; o seu amor deve ser ardente como o sol, fecundo como o Nilo, immenso como o oceano, perfumoso como o nardo. . . »

E todos suspiravam por ella, que os olhava indifferente e calma, com o ligeiro sorriso impassivel das esphynge do deserto. E quem sabe?! Talvez Judith fôsse esphynge. Não esphynge taciturna de pedra, mas de alabastro, onde havia um poema azul de luz e de sonho misturado á gelidez marmorea dessas estatuas em cujo rosto, enigmatico como o de um deus, ha estampado um horror profundo, como si ellas se tivessem immobilizado para concretizar todo o mal, todo o peccado e todo o tedio, fructos terribes da arvore que symbolizava a medonha sabedoria de Jeoval. . .

Judith era esphynge. Mas certamente havia qualquer coisa de humano naquelle cerebrozinho coroado de cabellos flavos, tão longos quão doce era o perfume que exalavam, e naquelle seio onde as pomas rijas ás vezes tremiam, palpitavam, offegantes, como as azas desses passaros que faziam ninhos junto aos obeliscos, ou dos cysnes que nadavam indolentes nos lagos dos jardins de Pharaó. Sim, Judith devia ter uma alma. E, entretanto, não se commoveu ao encontrar, estendido no immenso areial onde acabava a cidade dos israelistas, um joven hebreu que a amava, e que, desesperado pela sua indifferença, havia mergulhado no peito uma lamina aguda como um raio do sol, que então inundava a terra com uma intensidade fixa e caustica, calcinando aquelle corpo, que, já a se decompor, attraía bandos de aves agoireiras de rapina que pairavam sobre elle, vindas lá dos lados da pyramide de Cheops.

Um dia, porém, aquella virgem, branca como as flôres de Hajath-Arba, esguia e bella como a Turris Eburnea que os sacerdotes invocavam em litanias sem fim, apaixonou-se por Jotham.

*
*
*

Si os gregos, os divinos gregos da arte e da phantasia, collocaram algum dia nas officinas de Vulcano — o deus flammipotente — um cyclope gigante que satisfizesse a um idéal esthetico, poderia elle ser facilmente encarnado em Jotham.

Era Jotham hebreu, e, como os hebreus, trabalhava nas obras que os

muito poderosos e sabios reis do Egipto apprehendiam para o ornamento de seus paços e de todo o paiz, a fim de que os seus nomes, perpetuados em monumentos de magestosa e colossal architectura, pudessem resistir á viagem dos seculos, e, envoltos em lucidos nimbos de gloria, chegar aos tempos remotissimos de gerações futuras.

Quando o sol desmaiava e o apice do grande obelisco do pateo central do palacio pharaonico se coloria de um leve tom de violeta e rosa, Jotham, que ahi trabalhava, saía á procura da densa dos seus amores.

Era a hora em que, depois do formidavel repasto, Pharaó gostava de contemplar as dansas de bailarinas turcas e syriacas ao som da frautas e dos tambores tangidos por escravos ethiopes. Ou então, para desentorpecer os membros e alliviar o estomago, divertia-se em dansar, elle mesmo, em honra a Osiris e a Isis, ou, si lhe aprazia um pouco de sangue, em atirar aos cysnes, flamingos e abestruzes que vagueavam pelos gramados, e ainda aos proprios judeus que no palacio moirejavam.

A essa hora, Judith, palpitante, deixava a tenda do velho patriarcha, que, absorto na meditação dos segredos da divindade, nem siquer contemplava as magnificencias que a natureza punha na rubra agonia do sol, que lentamente morria. E dirigindo-se, á pressa, para os lados do deserto, só se detinha junto a uma figueira brava, onde esperava o bem amado.

O crepusculo perdia pouco a pouco a côr de purpura tão forte como a dos preciosos liquidos chegados de ilhas, de vinhedos longinquos, consagrados pelos egypcios a Horus, cumprindo os dictames da mãe deste, Isis — a casta e fecunda.

Inda não eram de todo apagadas as tintas do horizonte, e Jotham chegava, ancioso, anhelante. Judith apertava-o de encontro ao peito, collava a bocca divina nos labios d'elle, sugando a ventura, e falava-lhe baixinho, muito baixinho, toda numa caricia, toda num fogo sagrado.

E quando a lua, delindo a Via-Lactea, apparecia no céu apagando estrellas, e illuminava os areiaes dormentes, via os dois amantes abraçados, convulsos, estertorantes de gozo, parados de sonho, ebrios de amor e felicidade. E enquanto as esphynge do deserto olhavam, sem ver, a noite enluarada, a bocca semi-aberta em um riso idiota, immoveis como blocos de granito, Judith, a esphynge de alabastro, palpitava em éstos de vida e de volupia intensas, nos braços fortes de Jotham.

Assim passavam os dias e passavam as noites, para que o sol agonizando,

para que os astros nascendo, fôsem testemunhas daquelles amores, e, talvez, ouvissem aquelle fremir de labios que estnavam despedaçando-se em beijos.

Aquella ventura parecia eterna. Mas uma duvida entrou no coração de Jotham.

Os beijos de sua amada não tinham apenas a vibração de uma caricia; estalavam, antes, como um crepitar de fogo. O seu seio de neve abrazia, o seu halito aromal fazia mais que embriagar, suffocava. Tinha ella gemidos de leôa, ancias de féra, torcicolos de serpente, era insaciavel. E Elias, o levita frauzino e mystico que tinha nos olhos e na bocca as fulgurações da prece e no peito todos os cataclysmos da fé, devia também possuir, por vezes, o corpo escultural, argivo, de Judith.

Diz a sabedoria oriental que o amor deve ser saboreado aos poucos, em gradações infinitamente lentas, para que seja duradoiro e fecundo... Não succedeu assim a Jotham: exgotou, de uma só vez, a aurea taça e a duvida torturou-lhe o intimo, e o ciúme armou-lhe o braço potente.

E o doce levita, o pallido Elias, foi estrangulado entre as dez tenazes dos seus dedos, por uma tarde limpida e radiosa.

«Ah! quanta vez aquelle infeliz ascéta commettera, elle, padre, o divino peccado e inteiriçara-se collado á carne de Judith, no desfallecimento supremo do gozo... Pois bem! si assim fôra, que se debatesse agóra, estertorasse e desfallecesse ás mãos do amante forte, no connubio atróz da morte fria e cruél!»

Preso destes pensamentos, encaminhou-se ao encontro da sua amada. Mas, ao vel-a, confrangeu-se-lhe o coração. Achou-a mais branca, mais alta, espectral, as rosas dos seus labios tinham a livida côr azulada das faces do estraugulado. Abraçou-a, e, ao contrario de sempre, sentiu-a hirta, muda, gelada. Quedou estarecido, horripilado, olhando-a immovel á luz do luar. Depois, uma contorsão pavorosa agitou-o dos pés á cabeça, um nivo infernal de agonia e desespero escapou-se-lhe do peito, e, subitamente tocado de uma faisca de remorso, deitou a correr, desesperadamente, pela planicie fóra.

No dia seguinte, um grupo de israelitas, que se dirigia para o trabalho, foi encontral-o debruçado sobre o corpo inerte de Elias assassinado. Prenderam-no e levaram-no á presença do summo sacerdote, cuja justiça o condemnou, segundo as leis de Jeoval, a ser apedrejado até morrer, nessa mesma tarde. Elle parecia nada comprehender de tudo aquillo. Uma abstracção, feita de inconsciencia e de loucura, o extinguiu...

A tarde, quando baixou sobre a terra o primeiro véo de crepusculo, Judith, sob a angustia daquelle caso inexplicavel da vespera, dirigiu-se, através da casaria branca da cidade, para a figueira brava, onde, sob a palpação das estrellas, eram os seus encontros. Em caminho, algumas palavras collidas do vozear da turba, que nesse dia estava singularmente animada e composta quasi só de egypcios, puzeram-na alvoraçada, ainda mais inquieta, na expectativa de uma catastrophe que presentia bailando no ar, em torno della, prestes a rebentar.

O burborinho augmentava á medida que o sol desaparecia trepando as torres dos palacios e dos templos. Procurou saber o que havia de anormal. E soube-o dentro em pouco. — Ah! era terrivel! Jotham matára um levita sem nenhum motivo, por um requinte de perversidade, e ia ser executado, ao cair do sol, no acampamento dos hebreus, ao terceiro signal dos crotalos.

Que desgraça! Desgraça eterna de Judith, do lyrio de Harjath-Arba!

Um sentimento terrivel lhe penetrou todo o sêr, e ella só teve um pensamento, uma idéa: correr aos pés do summo sacerdote, de seu pae, e implorar o perdão do criminoso que commettera o crime, talvez por sua causa. Ella advinhára vagamente o ciúme de Jotham.

E arfando, suffocada por um soluço que lhe cerrava a garganta sem poder dalli saír, dirigia-se, em uma desfilada louca, para os lados do deserto, qua confluava com o acampamento israelita no logar em que se davam habitualmente as execuções.

De repente, ella percebeu que longe, muito longe, os crotalos soavam fortemente... Era o primeiro signal.

Redobrou a corrida já meio tonta, balbuciando palavras desconexas. Nisto, o sol apagou-se de todo. Soava, ao longe, o segundo signal.

E Judith corria, corria sempre, impellida pela mesma idéa, tendo no cerebro a sensação visual do supplicio. Via um homem prostrado, as carnes arrôxeadas, os membros partidos, todo o corpo desfeito, esphacelado em um charco de sangue, sob uma saraivada de pedras arremeçadas pela multidão enfurecida...

Subito, as forças faltaram-lhe e ella caíu de joelhos, extenuada, exactamente a poucos passos da figueira brava, protectora dos seus amores.

— Ah! Jotham! Deus! Salval-o ou com elle morrer.

Os crotalos soaram pela terceira vez.

Um relampago fulvo, uma claridade maravilhosa,—devia ser allucinação—envolveu-a, deslumbrando-a, num halo de luz. Mas isso durou apenas um instante, um segundo talvez...

Dissipou-se, evolou-se a luz maravilhosa, e a treva immensa inundou a sua alma estampando nas suas faces todo o mysterio de uma concentração, todo um horror profundo, uma noite eterna... E ficou alli, hirta, ajoelhada, fitando idiotamente o céu, que se recamava de estrellas, ella, a esphyngue de alabastro, cujo rosto reflectia o sonho, tornada agóra mais esphyngue que essas de pedra, taciturnas, do deserto...

E quando veio a aurora, ella pendia da figueira brava, morta, enforcada, quieta como agóra a natureza. Uma briza forte, que passava, deixou sobre o corpo de Judith umas flôres pequeninas, arrancadas de algum oasis longinquo.

E foi só; nada mais veio perturbar a immobilidade da payzagem. Depois, já ia alto o sol, alguns corvos começaram de apparecer, sinistros, lá nos lados da pyramide de Cheops.

ABNER MOURÃO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A obesidade. — A funcção das gorduras. — As duas categorias em que se podem dividir as causas da obesidade.

Desde Hyppocrates, os physiologistas e os medicos não se harmonisaram sobre as causas e o tratamento da obesidade, que uns attribuem aos excessos dos ventripotentes, um castigo aos gastronomicos; outros, aos desvios de um regimen de infracções a todos os preceitos da hygiene.

Alguns infelizes engordam por comerem muito, desordenadamente; outros engordam por se nutrirem mal. Ha gordos máus comedores; ha magros de appetite devorador e, em cem obesos, Bouchard observou que a ração alimenticia era excessiva para quarenta, era normal para cincoenta, era insufficiente para dez casos. Chegou-se, todavia, a verificar que a tendencia para o engordamento vem, não de comer muito, sinão de comer mal, de digerir mal, de não assimilar o muito ou pouco que se come; verifica-se que sendo as receitas, embóra modicas, superiores ás despezas, si o organismo não queima tudo o que lhe dão, conforme a quantidade e a qualidade do combustivel e, sobretudo, o estado da chaminé, os residuos se fixam no organismo sob fórmulas diversas, sob a fórmula, na maior parte, de banha, de tecido adiposo.

A banha, as gorduras são uma reserva nutritiva, não são prejudiciaes, constituem uma especie de provisão de carvão, reservada para os máus dias, servindo não sómente para manter o calor animal, como para encher

e lubrificar os musculos e as visceras, facilitando-lhe a funcção normal. Ellas existem na proporção de 4% no sangue, de 2, 4% no figado e de 8% no cerebro. Donde se conclue que ellas são essenciaes com a condição de não serem excessivas.

Mas tudo conspira para nos fornecer superabundancia de graxa, que não é elaborada sómente pelos alimentos gordos, o toucinho, a manteiga, o azeite, o cacáo; as substancias albuminoides tambem se transformam parcialmente em tecido adiposo e o *bifestêque* é uma dellas. O mesmo se dá, em escala muito mais consideravel, com os hydratos de carbono — fculas, assucar, alcool — que não se metamorphoseando directamente em gordura, favorecem, singularmente, a retenção das reservas gordurosas da economia.

Não admira, portanto, haver neste bello mundo corpulencias desbordantes de todos os artificios elegantes e surprehendedentes magrezas falsas, escondidas como thezouros de Eros.

O defeito está nas demasias. Um ligeiro enchimento é um phenomeno auspicioso, symptomatico de vigor, ao passo que nua polysarcia exagerada é uma disformidade lamentavel accusando um estado pathologico, fonte de sensações desagradaveis, de complicações perigosas.

O primeiro effeito do excesso de gordura é deformar as linhas graciosas, entumecer as curvas promissoras, estragando a pelle com as perturbações da circulação cutanea, resultantes do amontoado de graxa entre o couro e a carne. E não ha nisso sómente prejuizo para a esthetica: a invasão da gordura obstrue e comprime o estomago, o coração, os pulmões, o figado, os rins e o baço, impedindo-lhes a funcção regular, occasionando constipações, dyspepsias, congestões, falta de ar com as respectivas consequencias — stenoses, atrophias, engorgitamentos, autointoxicações.

Além disso, a gordura acaba por se infiltrar tão intimamente no tecido cellular que se incorpora, se annexa a elle: dahi, a degenerescencia gordurosa que nem ao coração poupa, transformando-o em bóla de sebo inerte, sem estimulo.

As causas da feia obesidade se podem dividir em duas categorias: as que augmentam a producção da gordura; as que impedem a sua destruição. Entre os primeiros figuram os excessos da meza, a incorrecção de um regimen demasiado rico, o abuso dos liquidos, particularmente da cerveja e das bebidas alcoolicas. Entre as segundas, se resumem todas do esmorecimento da nutrição, o defeito dos combustiveis vtaes.

Nesta rubrica se alinham as predi-

posições hereditarias, como o lymphatismo, o arthritismo, certas nevropathias, estados pathologicos produzindo perturbações da nutrição, como a anemía, a chlorose, a insufficiencia gastrica, o diabetes gordo, a albuminuria; assim como a vida sedentaria, a claustração, a ociosidade. Em todos esses casos, as receitas excedem ás despesas em consequencia da lentidão, da pouca actividade das oxidações e da pregniça nervosa.

E' curioso que os progressos do adiposo se precipitem pela passagem brusca das privações ao bem estar, de uma vida activa á indoleucia. Homens laboriosos adquirem ventre rotuudo com o repouso; foi notavel o numero de gordos depois das privações do cerco de Pariz em 1871; phenomeno reproduzido em assombrosa escala depois das seccas em varias zonas do Brazil.

A conclusão logica das observações precedentes é que cada fórma de obesidade deve ser tratada por procesos especiaes. Todos os tratamentos se pôdem rednzir, com reserva dos processos de applicação a tres preceitos: — diminuir as receitas, augmentar as despesas, provocar a vitalidade regulando a nutrição.

O obeso deve, primeiro que tudo, se subordinar ao regimen. Não comer muito para permittir a autophagia libertadora, que é o unico meio de lhe queiuarem os excessos de gordura. Essa autophagia não deve, todavia, ser exaggerada para não chegar á inanición, á miseria physiologica que termina por diminuir a nutrição, encerrando o paciente num circulo vicioso. O obeso pôde comer até se saciar sem passar além da sua fome, restando mesmo, si possivel fôr, um pouco de appetite, evitando o abuso, siuão o uso de certos alimentos especialmente contra indicados, como a gordura, o miúdo de pão, as massas, os fariuaceos, o assucar e o alcool. Devem-se reduzir ao minimo as quantidades de bebidas; sobretudo comendo, a diluição do succo gastrico, que retardaria o trabalho digestivo. Não quer isso dizer que elle se abstenha totalmente de beber, que se subordine ao odioso regimen do secco, porque a inibição do organismo corresponde a uma necessidade physiologica, indispensavel á vida.

A actividade physica é de rigor. E' preciso que, a todo o preço, o obeso augmente as suas despesas, que aqueça o seu sangue fazendo muito exercicio, de preferencia exercicio ao ar livre, com precauções para evitar a fadiga. A massagem que é um esporte passivo, pôde, combinada com a hydrotherapia, banhos a vapor, substituir a marcha, o cyclismo, a equitação, a esgrima ou a gymnastica. A electrotherapia, sob a fórma de efluvios esta-

ticos, ou de correntes de alta frequencia, pôdem ser de muita utilidade.

Quem é gordo deve ter muito cuidado em conservar o ventre livre.

As drogas, os especificos miraculosos devem ser evitados; não serão capazes, sem perturbações perigosas, de restituir a graça, a delicadeza, a elegancia das fórmas, afogadas nos colchões do tecido adiposo.

A MENTIRA FEMININA

(*Conclue hoje este artigo, cuja publicação iniciámos no numero 51 dos «Annaes».*)

O homem sómente conhece da mulher aquillo que ella julgou prudente desvendar-lhe, aquillo que o carcereiro sabe do prisioneiro aparentemente docil; o plano de evasão fica em segredo, ficam mudos os odios. Duas partes formadoras de tal alliança não fariam contracto valido, depois do esquecimento leal das faltas respectivas, siuão se achando em condições de descobrirem egualmente sua constituição psychologica, e a ignorancia em que o homem vive do espirito feminino é o corollario de sua arrogancia.

Parece que os seculos XVI e XVIII tiveram a presciencia de todos esses pensamentos acceitando, benevolmente, nos costumes, siuão na religião e na legalidade, não confundindo com esta a sinceridade e a fidelidade, soffrendo pouco com o dom arbitrario feito pela mulher de si mesma, solvendo quasi á noção primitiva do prazer, satisfeito com a posse material contanto que esta fôsse facil e agradavel, como si sentissem ser o homem responsavel do estado de coisas; e a celebre phrase de Buffon acerca dessa «paixão que só presta no physico, quando o moral nada vale» surge como conclusão logica dessa especie de arrependimento do abuzo do poder.

Foi necessario chegar á nossa epocha, inflada de liberalismo, desentimentalismo, de escrupulos e de sonhos metaphysicos, para fazer da dôr da infidelidade, do absolutismo passional, do ciúme d'alma, os grandes themes do lyrismo, do romance.

Pela decadencia do orgulho masculino, a introdução da duvida methodica e da idéa de reparação altruísta, nos costumes, apparecem um novo vexame na historia da consciencia. Soffremos a pena do captiveiro millenar durante o qual o egoismo masculino deixou se elaborar na serva uma psychologia para elle incomprehensivel, com a qual a mulher, em via de libertamento, o embala com uma doce mestria ironica. E, chegando á mais intima verificação dessa situação, se conclue que o homem prefere soffrer

a renunciar os seus privilegios: habituon-se a encontrar, na mulher, uma inimiga de prompta astucia: aprender a frustrar alguma dessas, a contraminal-as, porque vale mais para elle arriscar-se a soffrer as consequencias de um habito do que se dedicar ao estudo de uma situação nova. A dôr do ciúme e da perfidia é muito violenta, mas é conhecida; por isso mesmo, o homem a ama, ella o torna interessante, tem um sabor acido, desenvolve o instincto de lucta para defender ou conquistar a presa, é, finalmente — e isso constitue o fundo inconfessavel da alma masculina — um motivo de demonstração de inuatividade da mentira feminina, de apertar ainda mais os grilhões da mulher na sociedade.

X

Das traíções de mulher o homem, que as causou, dedúz justificação para recusar as suas pretensões de liberdade, uma perfidia politica, uma perversidade exasperadora do egoismo latente da paixão, porque o homem, antes de tudo, ama por si. A essa dôr conhecida, que elle sabe, ás vezes, remediar, que é para elle um bello motivo de agitação, o homem não preferiria o ignoto da mulher livre: achar-se-ia sem defeza, sem noções, sem armas, sem a propria paixão que se nutre do temor de ser contrariada, deante da mulher investida do direito absoluto e publico de dispôr de si, libertada dos preconceitos, das censuras, das sancções penaes creadas pela opinião e pela lei para impedil-a de se dar e de se reaver á vontade.

Tal mulher adstricta á sinceridade dos contractos da vida, mas de nenhum modo á fidelidade da sua pessoa, gozando a situação creada, como coisa natural, pelo homem, com ligeiras reservas de conveniencias exteriores, tal mulher figuraria, aos olhos do homem inquieto e desnorteado, uma creatura infinitamente mais enigmatica que a prisca Eva, porque a mentira não é enigmatica, mas o uso de uma vontade livre, não tendo contas a dar a ninguem: o verdadeiro mysterio de nu sêr jaz nos dados imprevisitos que o seu livre arbitrio poderá, de um instante para outro, introduzir nas relações inter-sexuaes. A mulher que não tivesse de mentir seria um ente novo.

Eis porque o homem prefere as decepções, o ciúme e todas as consequencias da mentira feminina, toda a tactica indispensavel para estudal-a e todas as vantagens sociaes que elle conserva por auctoridade propria, a uma modificação produzindo a queda do idéal passional.

O homem vestiu a mulher com a mentira; lançou-lhe sobre os hombros essa tunica da escravidão, comprazendo-se, depois, em doirar, em realçar de joias o primitivo traje da serva.

Ama, na mentira feminina, a eterna necessidade de illusão, de phantasia, de lucta e chegou, assim, a querer mais a mentira do que a propria mulher.

A mulher o rejeita com aspereza; elle a considera, na falta de termos mais expressivos, brutal, masculina. O soffrimento do amor desilludido é, dos resultantes de uma lezão ao direito de propriedade, aquelle com que o homem melhor se adorna aos olhos de seus semelhantes e aos seus, é o que desperta ainda mais a sua ensceação inconsciente, que parece eleva-lo acima de si mesmo, conferindo-lhe interesse, dando-lhe uma aureola de poesia. Quem fôsse chato, inferior em uma união duravel, dando a bitola de seu egoismo, faria pensar que seria admiravel quando victima de uma decepção passional.

Não deixa, pois, de ser uma verdade, que a mentira feminina é uma criação do homem, o resultado de uma enorme injustiça immemorial a que os religiões, por uma obra prima de má fé, de subtil impostura, deram a sancção de innatidade, ajudando, dest'arte, a tornar irreparavel o mal entendido passional para o supremo bem da sociedade, dos Estados fundados sobre a subordinação e não sobre a expansão do individuo.

XI

A mulher tem, até hoje, o direito de se manifestar como esposa, como irmã, como mãe, como amante, sempre, porém, sob a condição de pertencer e, embóra a cercassem de desprezo, de brutalidade, de galanteria ou de respeito, conforme os tempos, a prohibição de dispôr, livremente, de si lhe foi imposta como um grilhão ou proposta como uma virtude.

Não é audacioso affirmar que a *muller ainda não falou*. Ninguém poderá prever como ella comprehenderá suas obrigações, seus deveres, seus contractos, suas relações com a sociedade, no dia em que a noção de fidelidade, de propriedade zelosa, não passar de uma manifestação facultativa do seu *eu*, não depender de sancção do homem, no dia em que ella escolher, em que ella limitar, á sua vontade, o uso dessa noção.

Para conhecer isso será preciso que tenhamos perdido a propria recordação do mundo em que vivemos, organizado, inteiramente, pela vontade social do homem, contra o verdadeiro amor.

CAMILLO MAUCLAIR.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro semestre de 1905.

PAGINAS ESQUECIDAS

AVE MARIA!

Maria, doce mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, senhora, os meus gemidos;
A ti o hymno sagrado
Do coração de um pae vòa, ó Maria,
Pela filha innocente.
Com sua debil vóz que balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pae dos ceus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus, que é teu filho e tens nos bra-
ços,
Se tu, mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
E vã tenção da terra;
Outra gloria, outro amor, outro contento
De minha alma desterra.
Mãe, oh! mãe, salva o teu filho que te implora
Pela filha querida;
Demais tenho vivido, e só agóra
Sei o preço da vida,
Desta vida, tão mal gasta e prezada
Porque minha só era...
Salva-a, que a um santo amor está votada,
Nelle se regenera.

ALMEIDA GARRETT.

A PHILOSOPHIA E A RELIGIÃO

Como a philosophia é triste e arida! A's vezes na primavera, o vento norte atira-se pelas encostas, tombando dos visos da serra, como se uma intelligencia vivesse nelle—intelligencia de maldade e destruição. De noite e de dia os troncos das arvores torcem-se e gemem, as ramas açoutam-se e despedaçam-se envoltas nos braços longos e flexiveis da ventania; o demonio do septentrião sibila no meio dellas um zumbido entre de lamento e de escarneo. Debalde o bosque extende saudoso por um momento os seus mais altos raminhos para o sol, que se vae alevantando no oriente: a rajada despega de novo da cumeada da montanha, o bosque curva-se para o meio-dia; e, galgando por cima daquellas mil frentes inclinadas das plantas gigantes, das rainhas magestosas da vegetação, aquelles turbilhões de atmosphaera agitada rolam pela planicie coberta já de relva entresachada das primeiras flôrinhas. Então, relva e flôrinhas murcham esmagadas pelas mãos da procella, que tudo alcançam, fustigam e desbaratam. Os carvalhos frondosos, e as boninas rasteiras com a fronte pendida para a terra, como outros tantos symbolos de desalento, não ousam erguel-a para o céu. E' que o rugir da rajada cae da montanha em perenne catadupa. A's vezes, como

por brinco infernal, o vento finge adormecer um instante, e depois remoinha e apruma os topos das arvores e as corollas das flôres, mas é para logo as vergar com mais força, e apupar com silvo insolente aquella rapida esperança, que se desvaneceu tão breve.

E quando o vento acaluma é para saltar ao poente ou ao sul. A rajada já não silva da montanha: uma bafagem tépida vem da banda do mar; mas o céu está toldado e o ar humido; o dia passá melancolico e pesado sobre a bonina que a nortada açoutou; ella não pôde saudar o sol no oriente; está pendida e murcha, como a ventania a deixára. A noite vem encontrá-a numa especie de torpor, que é existir, mas que não é vegetar, e ainda menos viver.

Como a flôrinha do campo, a alma por onde passou a procella da philosophia, esse turbilhão transitorio de doutrinas, de systemas, de opiniões, de argumentos, pende desanimada e triste; e na claridade baça do scepticismo, que torna pesada e fria a atmosphaera da intelligencia, não pôde aquecer-se aos raios esplendidos do sol dum creença viva.

Com Kant o universo é uma duvida; com Locke é duvida o nosso espirito, e num destes abysmos vêem precipitar-se todas as philosophias.

A arvore da sciencia, transplantada do Eden, trouxe consigo a dôr, a condemnação e a morte; mas a sua peor peçonha guardou-se para o presente: foi o scepticismo.

Feliz a intelligencia vulgar e rude, que segue os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e na esperança postas pela religião além da morte, sem que um momento vacille, sem que um momento a luz se apague ou a esperança se desvaneça! Para ella não ha abraçar-se a cruz em impeto de agonia, e clamar a Jesus: — « Creio, creio, oh! Nazareno! Creio em ti, porque a tua moral é sublime; porque eras humilde e virtuoso; porque, filho da raça soffredora e austera chamada o povo, eras meu irmão, e não podias, tão bom, tão singelo, tão puro, enganar teu pobre irmão. Creio, creio, oh! Nazareno! porque até a hora do expirar na ignominia, até a hora da grande prova, nunca desmentiste a tua doutrina. Creio, creio, oh! Nazareno! porque tu só nos explicaste o mysterio desta associação monstruosa da saúde, do ouro, do poderio e dos crimes, a um lado, e a da enfermidade, da pobreza, da servidão e da innocencia, a outro; porque nos explicaste como os destinos humanos se compen-savam além do sepulchro. Creio, creio, oh! Nazareno! porque só tu soubeste revelar a consolação á extrema miseria sem horizonte, e os terrores á completa felicidade sem termo na vida, collocando no lugar do destino a Pro-

videncia, e no do nada a immortalidade! Creio, creio, oh! Nazareno! porque a intensidade do teu viver é um impossível humano; a victoria da tua doutrina severa contra a philosophia e o paganismo, um milagre; a gloria do teu nome de suppliciado, maior que todas as glorias das mais altas e virtuosas intelligencias do mundo.»

ALEXANDRE HERCULANO.

* *

SONETO

Quando os olhos emprego no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido,
Que todo o emprego foi mal empregado.

Sempre no mais danoso mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças mais frustrado.

Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais alto os erguia,
Por esse chão os via em um momento.

Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento.
Triste o que espera! Triste o que confia!

LUIZ DE CAMÕES.

* *

OS MALDIZENTES

Para escaparmos dos perigos e incitamentos da má lingua é um importante fugirmos das nós e juntas dos ociosos e praguentos que, como taramelas, nunca cessam de se desentoeirar e prégoar faltas alheias.

E' mui necessario não lhe darmos orelhas, porque estas são as accendalhas das más linguas. Não é pequena culpa deixar de resistir e não virar o rosto aos maldizentes, pois que, dando-lhes as costas, podemos tapar suas desbocadas bocas, e fazer que cessem suas infames linguas. Grandemente impugna a caridade, que é Deus, todo o que desfaz em seu proximo, pois pretende que venha em odio e vilipendio de todos os que lhe dão audiencia. A lingua dos maldizentes fére a caridade, e quanto nella ha a mata, e extingue naquelles que a ouvem; e chega não só aos presentes, mas tambem aos ausentes, o seu veneno por via da fama, mal que vòla ligeiramente, e a cada passo cobra novas forças. Destes disse David que a sua bocca estava cheia de maldição e amargos, e que seus pés eram ligeiros para derramar sangue. Um é o que falla, e uma só é a vóz; e todavia, sendo só uma, em o momento que toca e empeçonhenta as orelhas dos ouvintes e circumstantes, nesse mata muitas almas e honras de innocentes.

O fél da inveja, que nos deslingua-

dos domina, não póde, pelo instrumento da lingua, espargir senão coisas que anarujam e amargam, porque fala a bocca da abundancia do coração. Ha uns que, sem reverencia alguma, como lhe vem á bocca, assim vomitam o veneno de sua detração, e ha outros que trabalham por encobrir, com o afeito de fingida vergonha e piedade cortezã, a malicia que têm em si concebido, e de nenhum modo a podem reter. Vêl-os-heis mandar deante grandes suspiros, e com gravidade, cara triste, sobranceiras derribadas e vóz de fingido pranto, fulminar a maldição tanto mais persuasoria e cruel, quanto mais crêem os que a ouvem sair do coração forçado, e dizer-se mais com affecto de condolencia que com veneno de malicia: «Dóe-me muito o seu mal, porque o amo assás, e nunca o pude emendar; bem sabia em isso delle, e por minha via nunca se soubera; mas já que o descobriu, não posso eu negar a verdade; com dôr de meu coração o digo: mas revera assim passa, e foi grande a perda, porque aliás tem fñão outras partes; mas disso que se diz delle, se eu hei de falar verdade, não se póde escusar». Guarde-nos Deus deste vicio malignissimo, peçonha encoberta, e peste dissimulada.

AMADOR ARRAES.
(1530—1606)

A' UMA DA NOITE

— Olha, Chico; sempre te estou a dizer isto. Não ha vida como a de casado. Não ha. Ha cinco annos que sou tão feliz, que ás vezes tenho medo de um castigo do céu; vivo num paraizo. Tenho saúde, alegria, boas digestões, couros oleosos. Uma plenitude! Casa-te, meu amigo; procura uma mulher, como a minha, e casa-te. Fui feliz. Encontrei um anjo, Chico; mas um anjo, como não ha outro. Si a vires, morrerás de inveja. Tem todas as virtudes, todas as prendas. Seu idéal é ser escrava amante e submissa do marido. Nunca lhe senti uma aspreza na vóz, um arripio no gesto. E' uma pomba, meu caro Chico. De uma paciencia, de uma submissão, de uma fidelidade de Andromacha. E' escuzado dizer que adoro-a de joelhos. Quando volto do *lí*, como agóra, á uma da madrugada, encontro-a sentada á beira do leito á minha espera; e sobre a pequena mesa da alcova, envolvidas em baiêta, desafiam-me o appetite umas deliciosas torradas, que por um milagre de amor conjugal, ainda se conservam quentinhas. Ah, Chico! é o casamento uma instituição divina!

E o palerma do seu Chico, encostado ao combustor do canto, no silencio somnolento da cidade burgueza, suspirava ralado por uma fina pontinha de inveja.

O feliz marido, acceso por aquella attenção suspirosa, fusilava o infeliz com hyperboles inauditas:

— A familia é um pequeno cosmos! Todas as felicidades allí estão em torno de um centro creador e eterno, a mulher!...

E discorria. Aquella hora adeantada da noite, a um canto da rua, a vóz desse marido phenomenal tinha sonoridades de cornetim.

O Chico, bem vestido, á ingleza, um grosso diamante luzindo-lhe ao dedo, botas despontadas em lança, charuto apagado ao canto da bocca, alongava uma vista pensativa pela rua mal illuminada. Parecia, com aquelle vago olhar sentimental, procurar ignota vereda que o levasse a um paiz encantado, cheio de mulheres formosas e brandas, pleno de doçuras ineffaveis. Aos seus pensamentos fazia côro a vóz aflautada do amigo, que continuava o panegyrico.

— E' tarde, concluiu por fim, vou para casa; minha mulher espera-me. Amanhã váe jantar connosco; quero-te apresentar a ella.

O Chico oppoz modestamente um: — Obrigado! não precisa incomodo...

Insistiu o outro:

— Minha mulher já te conhece de nome. Por occasião daquelles cem mil réis que me emprestaste, falámos muito de ti; fiz-te os maiores elogios, como és merecedor.

Chico fez um gesto.

— Ora deixa-te de modestia. As grandes virtudes são luzeiros, que todos devem fitar.

O rapaz do diamante baixou a cabeça confuso. Tinha consciencia de não merecer aquellas bondades.

— Não sejas tólo, homem! A modestia tambem prejudica. Ha por ahi figurões, que não valem o que vales, e estão nos annaes da fama!

Chico não póde ainda achar o que dizer a tamanha generosidade; estava esmagado!

— Bem! resumim o marido bemaventurado. Amanhã ás 4 horas... Não ha cerimonia; é como si estivesse em tua casa. Minha mulher é muito simples e inimiga de etiquetas.

— Isto é proprio das almas nobres! bestejou, enfim, o Chico.

— Pois adeusinho, até amanhã.

Ia para retirar-se e voltou:

— E' verdade. Levas charutos ali? Esqueci-me...

— Pois não! atalhou o mancebo das pontudas botas, e sacou do bolso uma cheirosa charuteira de couro da Russia, peijada de *regalias*.

— Da-me dois... apressou-se em dizer o felizardo.

— Leva-os todos, não tenhas ceremonias commigo.

— Tenho soffrido insomnias... foi-se desculpando o outro e afastou-se.

Naquelle momento Chico dava-lhe até a baga do anel, si lhe a pedisse o amigo. Estava deveras preso áquelle generoso coração. Quando se viu só, mettu a mão no bolso das calças, e poz-se a raspar o chão com a ponteira da bengala, cheio de inveja daquelle marido que voava feliz para o lar, ao passo que elle iria solitario, aborrecido espichar-se no frio leito de rapaz solteiro!

* * *

Entrou em casa o venturoso marido assobiando o Zé-Pereira. A mulher, pallida moça de 25 annos, com falta de dentes, mettida ao fundo da cama, embalava, puxando um cordel, o filho que se havia esguélado por uma bôa hora.

— Não assobie, homem: o menino ha duas horas que chora. Agóra mesmo é que socegou.

— Ainda bem não chiego, já começas com os teus aborrecimentos.

— Homem de Deus! Pois é aborrecimento pedir para não acordar a creança que ha duas horas me atormenta! Você não pára em casa; si aqui estivesse havia de aguentar.

— E' melhor calares a tua bocca!

Elle deixou de assobiar e, de máo humor, foi tratando de despir-se e deitar-se. A mulher afastou-se um pouco para dar-lhe logar.

— Amanhã, disse elle, espichando-se, o meu amigo Chico vem jantar commosco.

— Que demonio de Chico é esse?

— Tens o costume de maltratar as pessoas de minha amizade. E's insupportavel.

— E' que você só me traz trabalho para casa. Bem sabe que não tenho creados; eu é que sirvo para tudo. Já não me atrevo. Você passa o dia na repartição, as tardes na rua, as noites ao jogo. Só vem para casa para chimp-me destas.

— Estás hoje pegando a toda isca.

— Não é isca; é você que não comprehende que uma casa de familia não é um hotel para de momento a momento metter-se um typo para jantar.

— Typo és tu. Olha que continúas a maltratar os meus amigos!

— Qual amigos! Você o que tem é parceiros de jogo e de pagodes. Si fôsem seus amigos, seriam os primeiros a mandal-o para casa a ver seus filhos e me ajudar.

O homem exasperava-se:

— Cala a bocca, que é melhor; deixa-me descansar.

— Eu é que devia descansar. Passo os dias lidando, as noites acordada

com os meninos, e em cima de tudo ir fazer jantar para vadios... Era o que faltava!

— Para que te casaste? ..

— De tola! Hoje não me apanhariam mais. Fiei-me em prosas e desgracei-me.

— Então te desgraçaste casando commigo! Heim?

— Pois não é desgraça ter-se um marido que não pára em casa, que joga o vintem que adquire, que deixa sua mulher na cozinha, como uma negra, feita um bicho?!

— Querias então estar enfeitadinha á janella para te acharem bonita? Não és tão bella figura...

— Bella ou não, assim mesmo..

E interrompeu-se.

— Que ias tu a dizer? Acaba! disse o marido, erguendo-se sobre o cotovello.

— Nada.

— Acaba! gritou elle, fulo.

— Também você põe-se a atormentar-me, a ponto de pôr-me doida.

— Acaba! repelia o venturoso marido. Acaba que eu quero arrancar-te estes beiços!

Era brutal! A creança acordou gritando, e a pobre mãe desceu da cama e, de pé, em camisa, soluçando, poz-se a embalar o filho, enquanto o feliz marido, o amigo do Chico, vomitava as ultimas palavras da sua indignação:

— Atrevida! Desavergonhada!

Felizardo.

VIRGILIO BRIGIDO.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

Ainda do Mocoretá ao Passo da Patria

— Os séres mysteriosos dessas regiões inexploradas — As superstições.

Chegámos á margem esquerda do rio Corrientes. Era assombrosa a agua-gem. As chuvas copiosas que haviam caído nos ultimos dias etcheram, a transbordar, a immensa lagôa Iberá, *agna resplandecente*, onde elle e o Miruay tem as suas origens, perdidas nos balseiros emmaranhados, que tantos obstaculos oppõem ao explorador ouzado que se aventura por seus inextricaveis labyrinthos.

Essa enorme massa d'agua quasi attinge, do lado do norte, as altas margens barrancosas do Paraná, da região das grandes ilhas e do salto no Apipê. Parece que é alimentada pelo grande rio, que se infiltra pelas terras correntinas a dentro. Della emergem numerosas ilhas cobertas de matto maninho, que vão ao fundo nas grandes cheias. Pelos campos apaúlados das suas extensas margens, pastam rebanhos de milhares de vaccas e cavallo. Logares ha em que é bastante profunda; mas esteiras naturaes de plantas aquaticas, trançadas quasi á

tona d'agua, permitem andar e arrastar pequenas embarcações sobre ellas. No meio dos juncaes a perder de vista onde a correnteza mal se sente, apparecem grandes lagôas limpas, de superficie azulada, onde se lauçam rios e riachos, que se perdem adeante nos balseiros, para surgirem de novo mais correntosos e claros. A sua área é de mais de quatro mil kilometros quadrados. Na epocha das grandes enchentes, pôde-se passar por ella do Uruguay para o Paraná, subindo o Mirinay e descendo o Corrientes.

A imaginação popular, nas suas phantasias, povoou de mysteriosos séres aquellas inexploradas solidões, mudando para lá os gigantes de quarenta palmos do Carcaranal; os pygmeus dos Xarayés, que vivem nas tócas e saem sómente á noite por medo das bicadas das grandes aves; os Cullús do Pilcomayo, de chifres curtos e pernas sem panturrilhas com pés de avestruz, meliores na carreira do que os parrelheiros mais velozes. Nos seus cerrados impenetraveis, vivem serpentes enormes com afiadas navalhas nas cólas e com ellas alanham e dilaceram as prezas. Outras ha, com canda de peixe e cabeça de homem, que se chamam — peixes-homens — e trocaram os vortices vorazes do alto Paraná, onde moravam, pelas agnas mansas da lagôa, e entregam-se aos mesmos habitos intemperantes dos *tucuxys* amazonenses, que se disfarçam em bellos *curumyassús* para festejarem as *cunhamocús* nas margens dos *igarapés*. Um intendente de Santo Tomé, muito versado em historia natural indigena, contou-me não ha muito tempo que viu na Iberá cobras monstruosas, que bramam como touros amorosos, tem garras de tigre e plumas de papagaio na cabeça. Ha quem affirme ter ouvido nesses tetricos ermos, alta noite, repiques de sinos e dobres a finados e visto luzes movendo-se enfileiradas, subindo e apagando-se para reaccederem-se mais longe. São as tochas das procissões, que saem de um convento de jesuitas, que escaparam ás perseguições de Bucarelli y Ursua, o impio vice-rei. Alguns, dos muito poucos que se tem arriscado a desvendar o mysterio da lagôa encantada, perderam-se para sempre no dedalo, devorados pelo minotauro da fome.

O desconhecido deu origem a essas chimetas que embalam o espirito daquelle povo singello e propenso ao maravilhoso, nas rudezas da sua vida pastoril, nos encantos da sua contemplação da natureza e nas superstições da sua ignorancia.

O Corrientes, a cujas margens chegámos, havia galgado os altos barrancos e se derramado pela matta. Estavamos no passo «Lucero», que dava nado de margem a margem. Não

tinhamos material sufficiente para lançarmos uma ponte. Os nossos habéis engenheiros preparavam balsas sobre pontões de borracha e barris vasios. Creio que aproveitaram também alguma embarcação.

Quasi todo o pessoal, os nossos canhões e o pezadissimo material de transporte, com toda a bagagem do exercito, passaram nas balsas. Eu assistia curioso áquelle espectáculo, quando vi uma, carregada de soldados de infantaria, completamente equipados, adornar rapidamente, mergulhar uma das bordas e caírem naquellas aguas impetuosas alguns dos passageiros. Todos sabiam nadar, surgiram á tona bracejando desesperadamente e afundaram-se de novo para sempre, porque o pezo dos cem cartuchos, do sabre, da roupa molhada na mochila era muito grande. A cavallhada e muita gente passaram tranando. Eu fui um delles, por gosto. Aquella corrente veloz e revôlta não me intimidava, porque eu era um bom nadador. Havia aprendido em Itaparica, e, quando tomava banho com os collegas do Dois de Julho no Unhão, era um dos que iam á ultima boia. Lancei-me ao rio com o meu reiúno e atravessei-o a seu lado, agarrado com uma das mãos ás crinas e nadando com o braço livre. Os dez mezes de campanha, que tinha feito como soldado, fizeram-me mais forte, mais robusto e mais ousado. Cada difficuldade que surgia, cada perigo ou risco que presentiamos, estimulava a nossa coragem. Aquelles rapazes, meus camaradas, que conheci na Escola Central debruçados, longas horas, sobre o «Navier» e o «Sturm» e resolvendo attentos e absortos os problemas do «Gregory», carregavam com garbo a mochila como o mais *destorcido* veterano do «Treme-terra» e marchavam descalços, com as calças arregaçadas mostrando as pernas musculosas, sem lhes incommodarem os seixos cortantes e as urses do caminho. Dominava-nos a todos um nobre estímulo. Cada qual queria elevar mais alto o nome do soldado brasileiro. Naquella epocha gloriosa, pouco me importava saber quem era o presidente do conselho de ministros, nem o partido que o Imperador havia guindado ao poder, para alternar com o outro, que já tinha muito governado.

Bemdito tempo aquelle em que só nos preocupava a gloria da patria, pela qual iam os derramar o nosso sangue. Dava gosto ver esses moços, que o velho Mallet chamava de *innocentes passarinhos* e que, no seu conceito, não podiam ser officiaes porque *ainda não sabiam pellar bem uma costella*, quando o regimento chegava ao acampamento em columna de secções, saíram das ultimas peças á disparada, de espora fita, firmes nos estribos e pregados á sella, para tomarem o

alinhamento e esbarrarem precisamente no ponto onde deviam ficar. Via-se passar nma scintillação de prazer pelos grandes olhos do commandante. Elle sentia que aquella *cade-tada* saberia honrar o nome do regimento nos dias solemnes das batalhas, que se approximavam.

Do Corrientes fomos ao arroio Batel, seu affluente. Si o terreno era difficil antes de chegarmos áquelle rio, nada animador se mostrava entre elle e o sen tributario. As aguas haviam invadido grandes extensões transformando-as em *estêros*.

Depois de marchas penosissimas, que já faziamos com mais desembaraço e galhardia, não deixando no caminho sinão um ou outro retardatario, chegámos á margem esquerda do Batel. Tinha este rio uma feição muito singular. Cortava o campo limpo como um largo fosso de escarpas quasi a prumo. Nas margens, nem uma arvore crescia, nem mesmo um pobre arbusto. Só as hervas rasteiras que matizavam de verde os campos encharcados. Não me lembro bem si foi alli ou mais adéante, que vimos, em numero crescido, cobras de varios tamanhos, que se eurosavam em bollos sobre a relva molhada e que ficaram da recente cheia. Felizmente, eram de agua e nada tinhamos a receiar, porque não eram venenosas.

Depois que passámos o Corrientes, o exercito alliado dividiu-se em duas columnas. Seguiu o general Flôres para o norte costeando a lagôa Iberá, tendo á esquerda os longos *estêros* do Santa Luzia. O seu primeiro objectivo era attingir a costa do Paraná, donde devia seguir margeando-o para encontrar-se no Passo da Patria com a nossa columna, que era o grosso do exercito sob o commando do general em chefe d. Bartholomeu Mítre.

Os brasileiros de Osorio e os argentinos constituíam essas forças, que eram já bastante respeitaveis, pelo numero e, sobretudo, pela qualidade.

Apezar do cuidado e esforços que empregavamos para viver asseiadados e limpos, não havia soldado ou official que não fôsse perseguido por bandos de *muquiranas*, que nos causavam grande repugnancia, e a final fôram supportadas com resignação. Diziam que vinham dos macegaes, onde viviam em grande abundancia. Não sei que visos de verdade póde ter esta opinião. E' um insecto repulsivo e nojento, que ataca os soldados nas campanhas prolongadas em todos os continentes. Os austriacos, para libertarem-se delles, mergulham a roupa branca em caldeirões de sebo derretido e alguns preconizam como preferivel o toucinho rançoso. Nós os catavamos com paciencia, fazendo-lhes guerra de exterminio e, ás vezes, quando era possível, lavavamos a

roupa em agua fervendo. Tudo era baldado. Voltavam á carga cada vez mais numerosas, zombando da nossa tactica e dos variados processos de destruição, quaes as formigas do forte de São Joaquim, na fôz do Tacutú, que expelliram a guarnição e resistiram, sempre victoriosas, durante os longos mezes em que lá estive com a commissão de limites com Venezuela, aos nossos combates sem treguas.

O general Osorio dizia, naquelle tom tão conhecido do seu bom humor, que a *muquirana* era peça obrigatoria do uniforme; e que não se estimava quem não tivesse pelo menos uma duzia dellas. Lembro-me com saudades das marchas fatigantes, das avançadas perigosas, dos dias de fome e penuria, das noites tormentosas, passadas ao relento a velar, das refrégas mortíferas nas batalhas. A memoria povôa-se de imagens esmaecidas das dôres que se fôram lá muito tempo e transformaram-se em recordações de indizível suavidade. As *muquiranas*, porém, apparecem-me sempre ameaçadoras e repulsivas, taes quaes eram naquelles tempos, em que nos dominaram com as suas cargas inexoraveis e crueis.

Os soldados submettiam-se desanimados á sua influencia terrivel e não sei porque a baptisaram com um nome de mulher — *miquelina*. Talvez fôsse idéa de algum mau genro.

Quando abandonavamos os nossos arraiaes, o campo ficava coberto de destroços. Numa extensão immensa de alguns kilometros quadrados, viam-se sapatos velhos, armas quebradas, pedaços de couro, panellas furadas, freios partidos, contos de lanças, latas abertas, caveiras de boi, baralhos espalhados, garrafas vasias, bonets sem pala, espartilhos em pedaços, saias rasgadas, páus de barraca fincados... As marchas eram diarias, a bagagem não diminuia e os acampamentos ficavam juncados de vestigios da nossa passagem. Os soldados explicavam o phenomeno dizendo que tudo que lhes pertence rende muito, a começar pelo soldo, que é elastico.

As enfermidades e os desastres nos iam levando os camaradas e abrindo claros nas fileiras. Em compensação, surgia, ás vezes, um novo habitante para augmentar a população das *aldeias*. Não era muito raro ouvir á noite, depois do toque de silencio, um vagido de creança, que nascia. Na manhã, seguinte fazia a sua primeira marcha amarrada ás costas de alguma china caridosa ou da propria mãe, que, com a cabeça envolvida num lenço vermelho, cavalgava um magro *matungo*, cuja sella era uma barraca dobrada e presa ao lombo por uma guasca.

Esses «filhos do regimento» creavam-se fortes e livremente cresciam

nos acampamentos, espertinhos e vestidos de soldadinhos, com um gorro velho na cabeça e comendo a magra boia que, com elles e as mães, repartiam os rudes paes, brutos ás vezes, mas quasi sempre amorosos e bons.

DIONYSIO CERQUEIRA.

UM JURISCONSULTO COLOMBIANO

Entre os juristas sul-americanos de maior nomeada em nossos dias, váe tomando lugar distincto a figura sympathica e attrahente do DR. ANTONIO JOSÉ URIBE, professor de direito civil e internacional na universidade de Bogotá, escriptor consciencioso, erudito e profuso, advogado notavel e politico eminente. Ao lado de Edmond CHAMPEAU, jurista franco-colombiano, Fernando VÉLEZ, Adolpho LEON GOMES, Arturo QUIJANO e outros, tem dado forte impulso e brilho notavel aos estudos do direito no ameno paiz que em seu nome perpetua a recordação do descobridor da America.

Ainda muito moço (1), já o seu acervo litterario é bastante consideravel e resistente para o expor ás vistas curiosas além das fronteiras do seu paiz (2).

O estudo sobre as *Servidões*, publicado em 1904, já revela as qualidades superiores do escriptor juridico, a clareza, a concisão, a penetração e a communicabilidade, que hão de accentuar-se em trabalhos posteriores, como sejam o opusculo sobre o *Recurso de Cassação* e, principalmente, o *Tratado de direito civil*, escripto em collaboração com Edmond CHAMPEAU.

O direito romano, a historia do direito em suas fontes ibericas, a legislação comparada e a critica das opiniões convergem para tornar essa monographia sobre as servidões uma obra digna de ser consultada pelos que se dedicam aos labores do fóro e apropriada a contentar os que procuram, nas obras juridicas, o pensamento organisador que revela a unidade systematica dos institutos na variedade functional de suas fórmulas.

Esse pensamento organisador devia, penso eu, ter revelado ao illustre escriptor que o codigo civil colombiano, como todos os que, nesta materia, se deixavam influir pelo francez, não foi bem inspirado quando classificou, entre as servidões, phenomenos juridicos de outra categoria, que restringem a expansão do direito de propriedade por uma imperiosa necessidade da existencia do homem em agrupamentos juridicamente organizados.

E' certo que DEMOLOMBE, CHACON, BORSARI e grande numero de outros

commentadores, justificam a classificação das servidões em voluntarias, legaes e naturaes; porém uma observação mais acurada dos factos põe fóra de duvida a superioridade da doutrina allemã, aliás defendida por civilistas francezes, segundo a qual as servidões legaes ou determinadas pela natureza nada mais são do que necessarias limitações ao direito de propriedade, que a solidariedade humana e a propria essencia das coisas não permitem que seja absoluto (3).

O distincto professor colombiano o reconhece, mas não vê nisso razão sufficiente para afastar-se da doutrina adoptada pelo codigo civil de seu paiz, cuja defeza emprehe, não porque a lei exerça perturbadora influencia sobre as opiniões do jurista, mas porque lhe fala prestigiosamente ao espirito a theoria tradicional entre os mestres de sua predilecção, pois de isempção de animo e de sobrançeria na critica o dr. URIBE nos dá provas reiteiradas no seu *Tratado de derecho civil colombiano*.

* * *

O codigo civil da Colombia é, com algumas variantes, o que ANDRÈS BELLO preparou para o Chile. TEIXEIRA DE FREITAS e BELLO fóram os dois grandes legisladores da America do Sul. O primeiro, si viu refugada em sua patria a obra grandiosa que seu genio esculpiu com paciencia e amor, logrou a ventura de vel-a refulgir no Uruguay e na Argentina, e ter-lhe-ia tambem acompanhado a projecção luminosa sobre o Paraguay, si mais dilatados lhe corresse os annos da fecunda existencia. O segundo teve, na adopção de seu trabalho de codificação civil, por diversas republicas ibero-americanas, a consagração victoriosa de seu merito excepcional.

O alto prestigio destes dois grandes autistites do direito civil na America do Sul, foi uma circumstancia feliz na evolução das fórmulas juridicas nesta parte do mundo. Firmado na base commum de uma tradição, que vinha directamente de Roma e da Iberia, o direito civil sul-americano se foi fixando em systematisações de alto valor doutrinario que lhe permitem assimilar, sem perturbar-se, as innovações trazidas pelas multiplas expansões da vida moderna, e lhe mantém, nos diversos paizes, um ar de familia que aproxima os codigos sem os identificar.

A semelhança entre as legislações sul-americanas poderia explicar-se pelas affinidades ethnicas; mas não sómente a relativa superioridade das fórmulas juridicas é devida á influencia dos dois notaveis juristas, como ainda dessa influencia resultou que a precipitação inconsiderada dos legisladores não nos tivesse levado, pelos

camalhos das adaptações mal escolhidas, a divergencias profundas no que concerne ao direito privado commum.

E' natural que os legisladores, tendo de aceitar um codigo preparado para outro paiz, lhe façam os retoques aconselhados pela experiencia ou pela dissemelhança do meio social. O codigo civil francez nacionalisou-se na Italia, na Roumania, em Genebra, na Hespanha, soffrendo, principalmente, no primeiro e no ultimo dos paizes lembrados, adaptações e melhoramentos. Em outros paizes ainda dominou o codigo Napoleão, quer na Europa quer na America, e em todos pagou o tributo da nacionalisação ou desde logo ou no decorrer dos annos.

Agóra é a vez do codigo civil allemão, destinado a dar orientação aos legisladores modernos. Já no longinquo paiz dos nipões, o codigo civil se enroupou á moda germanica, salvo no que diz respeito ao direito da familia e ao hereditario.

Assim tambem aconteceu com o *Esboço* de TEIXEIRA DE FREITAS e com o codigo civil chileno. Os diversos legisladores os fóram afeiçoando segundo as suas idéas ou segundo as necessidades do momento.

Das modificações feitas, na Colombia, ao codigo de ANDRÈS BELLO, si algumas em nada o melhoraram, denunciam outras, ainda que em menor numero, a boa intenção de attender aos reparos da critica.

A theoria das pessoas juridicas é notoriamente defeituosa no codigo civil chileno e apresenta melhor feição no colombiano. A suppressão da morte civil, a fixação da maioridade aos vinte e um annos, a regulamentação do instituto da adopção constituem, ao meu ver, outros tantos melhoramentos. E ainda de outros pontos fóra licito affirmar a mesma coisa.

Foi este codigo que os doutores URIBE e CHAMPEAU tomaram para objecto de estudo, analysando-o systematicamente em seu *Tratado de derecho civil colombiano*.

A fórmula da exposiçáo das idéas é de uma grande lucidez e concentração, o que por si só constituem um bello elogio ao trabalho que, além disso, se mantém, com admiravel aprumo, entre as correntes oppostas que sulcam o mundo juridico. As controversias, aliás, são apenas indicadas, e o espaço fica livre para o desdobrar da opinião aceita, que sempre encontra a fórmula de uma synthese bem arranjada.

E' um exemplo frisante do modo feliz pelo qual o *Tratado* sabe resumir sem prejudicar as theorias basilares do direito, o que, em poucas paginas concisas e substanciosas, diz sobre a inexgotavel questão da retroactividade das leis. Para desenvolvê-la em suas minucias, fóra mistér escrever esse prodigio de analyse pene-

trante que é a *Retroattività delle leggi*, de GABBA. Mas é sempre possível condensar a um certo numero de idéas essenciaes que ministrem aos que desejam aprender as informações mais necessarias para que se possam tirar das difficuldades communs. Foi este ultimo o escopo do *Tractado* e, ao men- ver, o alcançou galhardamente.

Quando o código civil se desvia dos bons principios, a critica é egualmente sobria, mas sufficiente e firme. Não extravasa em demasias, mas não tenta disfarçar o erro.

Não poucas vezes tal acontece; porém vale a pena destacar as observações feitas relativamente á dualidade das fórmulas de casamento—a civil e a religiosa.

O systema em si é indeciso e vacillante, revelando as duvidas em que labora o espirito do legislador. Mas na Colombia deram-lhe attitude mais desageitada e perigosa, porque é ao juiz que incumbe solicitar a auctorisação dos paes dos nubentes, para que estes se possam casar, porque a prova da capacidade dos contrahentes depende do que ao juiz disserem as testemunhas, e, principalmente, porque o casamento catholico tem preeminencia tal sobre o civil que o póde nullificar. E' tão estranhavel esta ultima disposição, que a devo transcrever no original: — *El matrimonio contractado conforme a los ritos de la religion catolica anula, ipso jure, el matrimonio puramente civil celebrado antes por los contrahentes con otra persona.* (4)

Os perigos sociaes que se acoitam nesse funestissimo dispositivo são denunciados em termos dignos pelos commentadores; e, si lhes parece demasiado crúa a qualificação de *bigamia legal*, com que foi designada essa inconsiderada genuflexão deante da Santa Sé, declararam que o Estado e a Igreja, interessadas em manter a ordem social e os bons costumes, deviam entender-se para evitar o escandalo e os males que resultam dessa ordem de coisas.

Por esse modo, prosegue o commentario, sempre seguro e calmo, apontando os desvios do código civil, preenchendo-lhe as deficiencias, e offerecendo uma licção proveitosa dos principios da sciencia aos que se querem nella iniciar.

Por isso, parece que, como livro didactico, desprezando as preoccupações de uma erudição que se atropella pelo esforço de se fazer vista, ambicionando antes ser simples, facil, insinuante e correcto, é merecedor dos mais francos elogios, porque preenche excellentemente os fins a que se propõe.

CLOVIS BEVILAQUA.

(1) Nasceu em Medellin, capital do Estado de Antiochia, a 6 de março de 1869, e pertence a uma illustre familia que conta

em seu seio litteratos, oradores e cientistas.

(2) Eis a indicação de suas obras: — *Reseña historica de la literatura castellana*, — *Introduccion al estudio del derecho penal*, — *Código de minas colombiano*, — *Estudio sobre las servidumbres*, — *Tratado de derecho civil colombiano*, — *Anales diplomaticos y consulares de Colombia*, — *La reforma administrativa*, — *El recurso de casacion*, — *Opusculos juridicos*, — *Código de instruccion publica*.

(3) Veja-se o código civil de Zurich, arts. 139—149 e 278—275; o dos Griseões, arts. 223, 229—242 e 248—263; o allemão, 917 e segs., e 1018—1029; ENDEMANN, *Einführung* II §§ 71—75 e 100—102; ROTH, *System*, §§ 234, 235, 238 e 239; MOURLON, *Repetitions écrites* I n. 1.665; ILUC, *Commentaire* IV n. 261; WINDSHEID, *Pandectas* § 169. E' tambem esta a orientação do *Projecto* de código civil Brasileiro em discussão no Senado.

(4) Lei n. 30 de 1888, art. 34, apud. URIBE, *Tractado* I p. 179.

O ALMIRANTE (53)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO CAPITULO XIX

No empenho de consumir tempo, de espaiar a sua impaciencia, a marquezia foi deixar Marianinha em Laraujeiras e, sómente ás cinco horas da tarde, regressou ao palacio. A mucama, afflicta pela prolongada demora da querida senhora, entregou-lhe um cartão de Dolores e disse-lhe que um empregado de Martins a esperava pacientemente desde as tres horas. Oscar voltára cedo, estava no *chateau*, trabalhando, percorrendo os multiplos papeis guardados numa pasta envolta num sacco verde de frisas e borlas amarellas.

— Muito bem — disse a marquezia ao empregado — Diga ao compadre que lhe sou muito agradecida. Ao senhor peço me desculpe o incommodo de me esperar.

O empregado de Martins retirou-se com zumbaias reverentes e a marquezia subiu para os seus aposentos conduzindo um embrulho que guardou no precioso cofre disfarçado num elegante movel do seu quarto de dormir. Mal se libertou das roupas retiradas carinhosamente pela creada, ella se estirou no leito, apenas vestida com um penteador da Bretanha alvissimo, soltou os cabellos desgrehados sob os fôfos travesseiros, ficou immovel, fitando um riquissimo docel de brocado, donde pendiam tenues cortinas, os olhos fatigados, que pouco depois se fechavam lentamente num somno reparador.

Naquella attitude de abandono, attitude de modelo, tentando a inspiração de um artista do traço e da côr, a marquezia remoçava, perdia a rigidez das maneiras fidalgas, os aspectos convencionaes, para lembrar a formosa Guilhermina, na quadra de plena expansão das suas admiraveis, das

suas fórmulas vigorosas, evocada entre as neblinas de um sonho como figura esboçada na penumbra suave do lusco-fusco do aposento fechado.

A hora do jantar, ella despertou, vestiu-se com aprimorados requintes de casquillice e foi chamar Oscar. Vieram juntos, caminhando lentamente pela sombria avenida, sob as ogivas tristes do baubual parado: ella, apoiada ao braço delle, a trocarem palavras de affectos, impressões agradaveis como duas creaturas felizes no delicioso abandono de uma confiança ingenua.

Oscar estava de excellente humor. Expoz, durante a refeição, a sua satisfação por ver plenamente adoptado pelo governo o seu plano de remodelamento do serviço naval, a organização de uma divisão permanente de manobras, de exercicios que aguerrissem marinheiros e fornecessem aos officiaes meios de applicação das noções theoricas e ao mesmo tempo colhesse elementos para confecção rapida e perfeita da carta maritima; a reforma dos arsenaes e, por ultimo, a reorganização radical da administração reduzindo o systema colonial do papelorio a proporções mininas, a processos rapidos, concisos, claros, fechados aos sophismas, ás alicantinas da chicana administrativa. A' sobremeza, a marquezia que o ouvia deliciada, perguntou-lhe:

— Váes sair ainda?

— Não. Porque me pergunta — respondeu-lhe Oscar.

— Sinto-me tão venturosa quando estás commigo.

— O trabalho mais importante está terminado, dando-me o direito de me abster das fadigas da administração. Agóra me acho quasi livre, a menos que o ministro não me surpreenda com algum serviço extraordinario. Eu estava, inteiramente, dedicado ao meu projecto, trabalhava incessantemente para não perder a continuidade de idéas, não me desviar do traço predominante no meu plano. Cheguei, finalmente, aos resultados anhelados com verdadeira anciedade e posso dizer, sem basofia, que estou satisfeito com o successo completo dos meus esforços. Ah! tem a minha querida mãesinha a explicação das minhas maneiras reservadas, das minhas prolongadas ausencias. Demais, eu era agrilhoado por um amor proprio, demasiado talvez, por uma necessidade de demonstrar que eu não era sómente um official afortunado pela preilecção do Imperador, que as minhas promoções não eram devidas a um impulso do favoritismo; queria, finalmente, assignalar a minha passagem para a República com uma exhibição convincente do meu valor, da minha dedicação, ao meu officio, do meu amor á minha classe. Consegui attingir aos

meus fins. Posso agóra desembarcar do navio das minhas aspirações e repousar nas delicias da vida de terra como um veterano, afastado do elemento de suas façanhas. Occorreu-me a idéa de me reformar, mas eu não conquistei ainda o direito de privar o Brazil dos meus serviços, quando me sinto forte, vigoroso, apesar destes cabellos brancos.

— Uma vez que estás restituído á liberdade, não seria occasião de procurares uma mulher digna de ti?

— Bem sabes, minha querida, que sou infenso aos projectos matrimoniaes não por principio, mas por ter adoptado a tactica de esperar, de aguardar a mulher que a sorte collocar no meu caminho. O meu casamento será consequencia do accidental, do inesperado.

— E Amelia?

— Amelia — repetiu Oscar, sacudido por uma commoção rápida — Amelia está no meu coração como companheira de infancia, uma creatura meiga que me habituei a estimar com um affecto fraternal. E quando me passa pela cabeça e pensamento de despozal-a, se me figura que ha entre nós uma secreta incompatibilidade, que o casamento seria um incesto.

— Não concordo com esses escrupulos pueris; o affecto fraternal se transformará em amor.

— Demais, Amelia é demasiado concentrada. E' uma creatura que se esquivava, numa superioridade aggressiva, quando a procuramos, como si nenhum homem fôsse digno de partilhar o seu coração, sempre fechado num retraimento frio, inexoravel, e que não é um movimento instinctivo do sexo ao presentimento do momento em que deve pagar o tributo á natureza, á collaboração fecunda para o prolongamento da especie, da raça. Amelia se tornou rigida, adquiriu asperezas masculas, no esforço de viver mais pela cabeça, do que pelo coração. Ella se despojou dos attributos encantadores da fraqueza feminina pela desviada comprehensão das suas funções de mulher superior, evitando as futilidades, os caprichos, as preoccupações elegantes que a nivelariam ás condições vulgares das mulheres feitas para o lar, para a maternidade, para essa submissão imposta pela sociedade, pela religião, pelos costumes, submissão primitiva, incompativel com o seu excessivo orgulho.

— Que idéas, que theorias!...

— São as verdadeiras, aquellas que renegamos, hypocritamente, á pressão dos preconceitos, mas podemos emitir, com sinceridade, quando desvendamos a nossa consciencia a um coração amigo. Não tenhas receio que eu me exponha a essa desgraça; si ella, entretanto, me surprehender, luctarei com todas as energias de homem para

não succumbir covardemente, sem resistencia. Não me preocupa o conceito social, porque o homem envolvido nessas aventuras de amor illicito, se torna interessante heróe de aventura galante, iuculpado desse peccadilho vulgar da conspurcação de um lar, pequena falta passional despertado mais sympathias do que rancores.

A marquezia ouvia, impaciente, essas considerações paradoxaes tão precisas, tão justas que lhe abriam larga brecha no reducto de preconceitos em que o seu espirito se refugiára desde a puberdade, obumbrado pelo mysticismo da educação claustral, infensa ao amor, proclamando a castidade como a virtude por excellencia, exaltado a creatura a proporções divinas, porque quem se subtrah ao tributo de amor é egual a Deus, venceria esse demonio, cuja tentação ella, tanta vez, sentira, sacudindo todos os seus nervos, as suas entranhas insaciadas, a sua carne sedenta.

— Não te illudas, minha querida — continuou Oscar — A sociedade é uma trama de convenções hypocritas que as leis, com a divina sanção das religiões, engendraram para manter a mulher escravizada ao dominio absoluto do homem, ao seu egoismo de senhor da companhia degradada desde o Paraíso. O casamento é uma instituição aparentemente protectora, um corollario da rehabilitação da mulher em parte operada pelo christianismo, mas de facto uma confirmação da oppressão primitiva, porque mantém, quasi intactos, os absurdos direitos do homem, do mais forte, nessa alliaça desigual em que se não correspondem direitos e deveres reciprocos.

— Pelo que dizes, és partidario do divorcio.

— O divorcio como nós o temos é uma concessão que não altera a essencia o problema. Elle não dissolve os vinculos, mantém os divorciados, incompatibilizados pelas decepções, pelos odios mais terriveis, aquelles que nasceram de um amor em decomposição, presos á mesma grilheta, associados á mesma desgraça como cúmplices do nefando crime de se não comprehenderem, de não poderem harmonisar as suas almas.

— Mas o divorcio seria, completo como tu o entendes, a prostituição legal.

— Seja como fôr, elle está de accordo com a alma humana, sempre infensa ás situações irreparaveis, ao irremediavel. Devo dizer-te que apesar disso, eu, casado, me submetterei totalmente ás consequencias do meu coupromisso; jámais recorrerá ao escandalo legal para authenticar o meu infortunio conjugal, para consagral-o com uma sentença, estampilhando a minha deshonra, si eu fôsse o coujuge innocente. Mas não perca a esperança

de que eu me caze, ao menos para dar-te esse prazer. Serei um marido exemplar, muito terno, muito amoroso. Saberei conquistar a minha companheira; não lhe darei tempo para pensar no mal; entontecel-a-ei fascinada pelas minhas caricias; defendo-a contra o accesso da seducção. Nos naufragios conjugaes, a culpa é sempre do timoneiro arriscando o seu barco aos passos perigosos, expondo a sua companheira, o seu thezouro, ás intemperies do falacioso mar da sociedade elegante, num pelago mysterioso, povoado de monstros phantasticos, de sereias feiiceiras, de todos os deliciosos instrumentos de corrosão do seu uso moral.

— Não imaginas quanto me alegra ouvir-te, meu Oscar querido.

— Eu sou um tanto observador, nas horas vagas, com uns toques de poesia misturados á clarividencia de philosopho.

— Porque não observas Amelia, como poeta?

— Eu não posso transformar o aspecto do objecto estudado.

— Com uma pouca de boa vontade, tu penetrarias o seu coração de ouro.

— Penso que te euganas. Amelia, quando tiver as revelações do amor, se humanisará; será uma esposa meiga, uma companheira carinhosa. Sabes porque insisto neste assumpto? Eu estremeço pelo teu futuro de celibatario. Eu receio que sejas victima de uma união illicita, que sejas victima da tentação.

Oscar sorriu daquelle excesso de solicitude maternal e affirmou em tom de ironia:

— Passou a quadra das aventuras. Eu estou perfectamente curado contra as setas do amor de aventura... Si isso, entretanto, succedesse, si eu fôsse colhido pelo delirio de uma paixão insensata, si essa hypothese quasi absurda se realizasse, conformar-me-ia com a minha sorte: amaria a mulher que me empolgasse o coração, submetter-me-ia á irresistivel injuncção do destino.

— Que horror, Oscar!

— O homem não ama á sua vontade; não se póde subtrahir á intervenção da fatalidade...

— E si a escolhida pela fatalidade fôr uma mulher compromettida, si fôr uma mulher como Dolores?

— Será uma desgraça irremediavel esbarrar o coração de encontro ao impossivel; mas será sempre amor.

A historia da humanidade gira em torno desse caso banal dos instinctos sublevados contra as convenções sociaes, contra os preceitos da moral, com os quaes, na maioria das hypotheses, não estamos de accordo sinão quando nos lisonjeam, ou nos favorecem o egoismo.

(Continúa).

Do numero 39, quando começou a nos dar a honra da sua collaboraçã, até o numero 50 dos *Annaes*, escreveu *Toneleiro* longamente da armada imperial desde a sua fundaçã. Hoje, depois de uma pequena interrupçã, devida a molestia, o nosso erudito collaborador reenceta a sua honrada critica, e já agóra sobre a marinha republicana.

ARMADA NACIONAL

Analyse da marinha de hoje — A sua decadencia — As adhesões á Republica — A intervençã da classe na politica.

Consequencia natural de 70 annos de mentiras officiaes, de 70 annos de administrações ineptas e estereis em geral, teudo agóra a agravar-lhe o estado causas varias e oriundas da brusca transformaçã que ao paiz trouxe o 15 de novembro de 89 e sobretudo o mortal e profundo revéz que foi o fracasso da revoluçã de setembro, a marinha de guerra na Republica desceu a um tal grã de fraqueza material, e de nullidade e esmorecimento a mór parte do pessoal que a serve, se torna difficillimo examinar-lhe calma, detalhadamente, todos os erros administrativos, todos os defeitos organicos, todas as faltas que encerra.

Não são palavras para armar ao effeito, não; nem tambem as dictam interesses não attendidos. E' escrever delicadamente até escrever como o fizemos e como o faremos; e para sermos bem exactos na analyse da decadencia e da actual agonia da armada, seria preciso ir buscar aos corsarios a linguagem, muitas vezes doce para verberar a ineptia e o pouco escrupulo do geral dos seus administradores, do servilismo e da ignorancia de grande parte dos administrados.

Que nos perdõe o pequeno nucleo não graugrenado da armada, que quasi todo se encerra na mocidade, nos quadros de officiaes subalternos, não lhe poupamos a vergonha de expor o estado de abatimento a que chegou, em nossos dias, a sua classe. Aquelle nucleo é o que resume toda a esperanza no resurgimento da instituiçã, ou, melhor, na organisaçã de uma nova armada; e as auctoridades ou terão, numa cirurgia de desespero, de amputar o organismo apodrecido para salvar o orgã puro, ou terão de o ver abandonar-se dominado pela gangrena que continuamente o ameaça. Nem é estranha aquella cirurgia que salva o orgã matando o organismo, porque esse orgã viverá por si, desenvolver-se-á e virá a constituir outro organismo, constituir, emfim, uma nova armada, vasada sob novos moldes. E afinal isso é que é logico, pois essa que ali está, em que peze aos reorganisadores e messias, não é mais

susceptivel de reorganisaçã, tão radicados são já seus males.

* *

A marinha, a despeito de ter sido considerada sempre como uma classe aristocratica e fundamente apegada ás instituições monarchicas, tomou, dizem que iuesperada e involuntariamente, parte no movimento de 15 de novembro de 89.

Ninguem na classe reagiu contra o golpe que derrubou o throno de Pedro II e com elle a monarchia, a não ser o bruto leal e submisso que fôra até então o «Imperial Marinheiro».

Intelligencia bruta, treva para a qual nunca se fez luz; alma quanta vez cheia de bondosas, apreciaveis virtudes que se corrompem com a degradante educaçã que te dão; gente rude sim, má de apparencia porque querem que o sejas, só tu, em todo este vastissimo paiz, que povoavam quatorze milhões de habitantes, tão brutos como tu e como tu sacrificados aos caprichos e fatuidade duma camarilha de *soi-disant*, lá salvadores do paiz, aqui salvadores da marinha de guerra; só tu mostraste gratidã a essa bandeira que cobriu de gloria teus mortos irmãos ignorados nas aguas do Paraguay, gratidã a esse velho que julgavas teu senhor, costumado como fôste na ignominia da escravidã, da ignorancia, e no qual vias o que elle realmente era, «o bom velho», e não o que queriam que fôsse, «o Marco Aurelio» do seculo XIX, «o rei sabio». Disso não entendias tu, negro que fizeram besta e de quem puderam ter feito homem.

Sem reacçã alguma, a Republica foi acceita na armada, como aliás em todo o paiz: esse foi, por certo, o primeiro mal que atacou a instituiçã nascente. Proclamada não porque se reconhecesse a necessidade de novos processos administrativos, não por uma revolta do povo convencido do depauperamento da monarchia, da nullidade dos homens que a serviam, mas sim pelo despeito do exercito susceptibilizado por suppostas affrontas e pelo prestigio de um general explorado pelo cerebro sonhador de Benjamin Constant, e proclamada com a mesma facilidade, e tão pacificamente como dantes a um gabinete liberal succedia um gabinete conservador; a Republica, queremos dizer, não se pôde furtar ás adhesões e logo á influencia dos medalhões com que o Imperio dotava o paiz, nem teve necessidade de procurar amparo em braços que se tivessem mostrado fortes e dignos em longa lucha de idéas ou de armas, ferida na ancia da conquista duma nova fórma politica.

A Republica, pois, quasi sem novos homens, iria ser, por seus processos

administrativos, a continuaçã da monarchia: houvera, apenas, mudança de nome e de duraçã no reinado do soberano. A grande massa de politiqueros ignorantes e servis que imperava pelas provincias, na obediencia passiva a quatro ou cinco chefes que aberta ou occultamente, pelos seus prepostos nos gabinetes, dirigiam a nação, ia ser a mesma que havia de organizar os Estados, sob o novo regimen. Fazendeiros brancos, cujo apoio se comprava com o baronato barato, concedido em massa no fim do Imperio; bachareis filhos desses fazendeiros ou afilhados dos chefes que da Côte puclavam os cordeis aos fantoches dos Estados; rabulas ousados que venciam as eleições á força da rasteira e da navalha; jornalistas que se impunham pelo manejo da diffamaçã e da injuria; e, por fim, a grande massa boçal do povo brasileiro: todos adheriram á nova instituiçã, bestializados não, mas indifferentes, pois, para essa gente, toda a fórma de governo é bõa quando aos primeiros se lhes conserva o mando no município ou no districto, o cargo na administraçã, o livre exercicio do *direito eleitoral* ou a esperanza de, pelos seus processos, obter um dia collocaçã na politica e para o povo, tão abandonado desde o imperio á sua inconsciencia e á treva de sua ignorancia, desde que lhe não tirem a céva em que engorda o porco, o canteiro que lhe dá o feijão e a casa de sapé em que se abriga. Depois, acenaram-lhe com a federaçã!

Eram aquelles elementos que haviam de legislar ou de fazer os legisladores e que haviam de administrar ou de fazer os administradores da Republica e dos Estados.

Não se realisára o sonho de Benjamin Constant. O seu cerebro de theorico, imbuido das utopias positivas, acreditára que todos os males que nos assoberbavam provinham das instituições. Não reflectiu que peiores do que a corrupçã da politica monarchica seriam os males que nos traria uma republica nascida fóra de tempo, proclamada pelo elemento militar descontente, sem uma lucha que destacasse bem os elementos, lucha que partisse do povo e que revelasse aptidões e caracteres novos.

Feita e acceita pelos militares, estes se julgaram desde logo com direito a intervirem na administraçã do paiz; grande numero delles foi nomeado, que não eleito, para os novos cargos de que foi accrescida a representaçã nacional na Constituinte e depois no Congresso. Discipulos dilectos do sonhador da Republica fõram empossados em governos de Estados diversos, ainda não sob o regimen da federaçã e onde os politicos fõram menos animosos ante a força que adquirira, sobretudo, o exercito.

Mas voltemos á armada.

A mesma chamma de ambição que intensa lavrou por todo o paiz, fazendo pullularem os candidatos de toda a especie a toda a especie de cargos politicos, lavrou tambem na mariuha; o prestigio da farda era mais uma probabilidade de exito. Os chefes, cuja influencia politica poderia dispensar bôa sombra aos que se lhes chegassem, fôram logo cercados, e foi essa nova causa para que mais se accentuasse esse fatal systema de dividir a armada em grupos, cujos centros eram chefes, rivaes em geral e que entre si não guardavam a harmonia de vistas, a cohesão tão necessaria ao progresso, ao engrandecimento da classe. Como, dentre elles, os mais prestigiosos eram os almirantes Custodio José de Mello e Eduardo Wandenkolk e capitão de mar e guerra Saldanha da Gama e os primeiros immiscuiram-se desde logo na politica geral do paiz, a quasi unanimidade da classe foi arrastada e tornou-se francamente politica.

Onde era tudo até então apathia, descaso; via-se agóra só movimento, só actividade, mas movimento e actividade inuteis, improductivos, pois eram simplesmente politicos, e, longe de beneficiarem a classe, só lhe traziam prejuizos, pois afastaram de seus deveres, de sua profissão a maior parte dos officiaes da armada.

E, como nem todos, sinão até bem poucos, podiam sobresaír, destacar-se no centro, na Capital Federal, grande numero procurou os Estados, meios mais acanhados e promptos a fazerem um primeiro de quem não se quizesse sujeitar a ser segundo no Rio. Alí então o valor da farda, o respeito que a cercava, eram enormes. A esses havia de vir logo a auxiliar a federação como a temos e que transforma o Brazil numa confederação de 21 estados soberanos, Bavieras e Wurttemberg governados por antigos senhores de escravos ou por fazedores de theorias economico-financeiras, pelas esporas dum official do exercito ou pela distincção de baile de cassino dum official da armada.

Ah! A onda que arrastou os membros de todas as classes do paiz á conquista do exercicio de todos os direitos civis, o que logo depois a Constituição votada assegurou, impelliu tambem os militares. Simplesmente para estes, esta conquista era feita por meios menos serios. Para os civis, ella se fazia pelo prestigio do dinheiro e do nome, pelas eleições feitas á força ou com actas falsificadas, meios já consagrados como bons. Para os militares, porém, era necessario emprestar o valor da farda para depor governadores, entrar em conluios com a politicagem local, servir baixos interesses.

Mas, aos officiaes de marinha não mais servia a vida quieta e alheia a luctas politicas que até então haviam levado. Si, com uma jornada incruenta como a de 15 de novembro, avançaram todos um posto, pensavam por seu lado os que se não tinham collocado na politica: porque não tentar outros tantos 15 de novembro, que os levassem até onde cada qual se julgava com direito? Começaram então a surgir os conspiradores; como, porém, não é chefe de uma revolução quem o quer, sinão quem o pôde ser, começaram cavilosamente a ver em cada chefe um salvador da Republica, havia tão pouco tempo feita e já a todos bem descontentava. Assim, o navio de guerra deixou de ser a escola onde se preparassem para lutar pela Patria, quando horas amargas soassem, para ser o iustrumento que servisse a derrubar governos, o centro de propagandas revolucionarias.

Não se queira perceber no que acima fica dito uma condemnação quer ao 23 de novembro, quer ao 6 de setembro. Nunca ha, porém, os factos e ha as intenções que movem os seus agentes a analysar. Veremos mais tarde que só o interesse, só a ambição levou a ambas as revoluções a grande massa dos officiaes que nellas se empenharam.

TONELERO.

(Continúa)

SANEAMENTO MODERNO

O Sena tem a reputação de ser um dos rios mais sujos do mundo, pelos dejectos de Pariz e da zona de densissima população por elle percorrida. Foi preciso, paraprehender o seu saneamento, tornar obrigatoria a purificação das aguas servidas; mas isso seria muito difficil, sinão impossivel, si fôsse feito por meio da *épannage*, (irrigação) o mais velho processo da regeneração das aguas impuras, processo imperfeito, dispendioso, exigindo grandes superficies, empregado na Inglaterra, o paiz classico da hygiene, no qual, desde 1865, era prohibido construir exgotos desembocando directamente nos rios.

Falou-se muito contra o systema *tout à l'égout* attribuinto-lhe as qualidades de vehiculo de infecção, o que seria logico si as aguas dos exgotos não fôsem infeccionadas pelas sargetas e calçadas cheias de dejectos animaes, pelos residuos domesticos, caldo propicio a todas as bacterias, pelas

aguas industriaes. Parecia preferivel, para não infeccionar mais uma agua já impura, supprimir nas casas as causas de insalubridades permanentes resultantes dos antigos systemas de despejo.

A despeito das criticas, fundadas em parte ou injustas, o systema da *épannage* não foi totalmente rejeitado, si bem que não offereça todos os resultados apregoados pelos seus partidarios.

Conforme a theoria, as aguas a purificar contêm quantidades consideraveis de materias azotadas, albuminoides ou amoniacaes, que lhes dão grande valor fertilisante: trata-se, portanto, de destruir os microbios que ellas contêm e de purificar-as, utilizando-as para a agricultura com azoto das materias precipitadas.

Conforme a linguagem de Esopo, as bacterias pôdem, segundo sua natureza ou os fins a que tendem, fazer muito bem ou muito mal. Ha numerosas especies de microbios, bacterias, vibrões, levedos e bolores que teem todas as condições especiaes de vida e acções differentes. Esses infinitamente pequenos são activos transformadores das materias organicas, especialmente das materias azotadas, por meio de processos mais simples e, todavia, analogos aos que nós empregamos para viver. Dizia-se que o levedo de cerveja era um animalsinho que comia assucar, estrume e dejectava alcool. Acontece o mesmo com todas as bacterias, as pathogenicas como as inoffensivas, as prejudiciaes como as uteis: comem qualquer coisa e eliminam productos de destruição. Cada uma tem condições especiaes de vida, entrando todas em duas classes: — as que necessitam do ar para viver, os aérobios, que tiram da atmosphera o oxigeneo e deste se servem para destruir as materias organicas, trabalho egual ao da nossa nutrição; os anaérobios que se desenvolvem ao abrigo do ar e decompõem as substancias tirando-lhes o oxigeneo que encerram: estes são mais nocivos que os outros.

Compreende-se o partido que se pôde tirar dessas bacterias. O problema consiste em fazel-as comer as materias organicas existentes n'agua e depois, porque no curso dessa operação ellas se desenvolvem extraordinariamente, collocal-as em taes condi-

ções que morram, pelo menos, as prejudiciaes.

O primeiro systema para attingir esse resultado foi a *épannage*. A agua, passando, no trajecto pelos exgotos, por todas as maneiras de fermentação, arérobias e sobretudo anaérobias, que já transformaram as materias organicas, chega ao sólo de cultura e ali encontra uma bacteria especial que causa a nitrificação dos terrenos, comendo os albuminoides e o amoniaco e eliminando acido nitrico. Produzem-se nitratos muito fertilisantes e, ao mesmo tempo, tanto pela acção oxydante dessas bacterias, como pela passagem através do sólo bastante movei, em que o ar penetra facilmente, são mortos os microbios anaérobios. Quanto a culturas, a agua purificada corre para o rio pelos drenos. Os resultados são effectivos, muita vez admiraveis.

A agua de exgoto contém de vinte a vinte e cinco mil milliares de microbios por centimetro cubico. Em 1902, um dreno, o Julio Cezar da região de Mary-Pierelaye, forneceu diversas vezes agua contendo uma bacteria por centimetro cubico, quasi esteril, portanto, e superior á agua de alimentação. Outras experiencias conduziram á verificação de que a *épannage*, ben conduzida, pôde attingir a perfeita esterilisação.

O grave inconveniente desse systema consiste em demandar superficies immensas. Si se adoptassem em Pariz as bases consagradas na Inglaterra, porventura excessivas, Pariz demandaria 7.800 hectares, outro tanto da sua propria área. O outro inconveniente provém de que, no periodo das chuvas, os terrenos de despejo ficam pouco aptos para receberem a agua que devem purificar no momento preciso, ou esta se torna demasiado abundante. Si o afogam, se transformam em pantano, em cloacas, incapazes de preencherem as suas funções, porque o ar não pôde mais penetrar sufficientemente o sólo.

Essas condições determinaram a necessidade de escolher outro systema. Ao principio, tratou-se de dar repasto sómente ás bacterias anaérobias em immensos tanques cuidadosamente cobertos: ellas cumpriram bem o seu dever, mas deixavam emanações insupportaveis, sendo necessario para

extinguil-as despejal-as num sólo de cultura, demandando superficies muito menos consideraveis do que o velho processo.

Calculou-se, então, que seria mais simples recorrer aos aérobios, sem desprezar os outros que trabalham como pôdem, durante o tempo em que as aguas sujas entram a circular na cidade, e domiciliando-as em um tanque onde se desembaraçassem da areia das materias solidas em suspensão. Para esse fim, os engenheiros inglezes combinaram leitos de depuração permeaveis quanto possivel ao ar, compostos de coke, de tijolos quebrados e, em certos systemas, de um carbonato de ferro, calcinado em condições especiaes, o *carbo-ferrite* que, na opinião de Grandean, tem propriedades oxydantes particularmente energicas.

A agua é lançada em chuva sobre esses leitos, cõe nelles por intermitencias, de maneira a provocar, correndo, uma camada de ar que penetra toda a massa. Obteem-se assim resultados rapidos com superficies relativamente pequenas, como succede na cidade de Chester, que tem 30.000 almas e purifica as suas aguas com uma superficie de 33 aros, ao passo que, nos termos da lei ingleza, lhe seriam necessarios 160 hectares ou 480 vezes mais terreno para purificar-as pela *épannage*.

Os resultados daquelle processo são muito satisfactorios, talvez menos absolutos do que os da *épannage*; fôram obtidos com mais facilidade e menos probabilidades de accidentes.

Pelas analyses do dr. Griffith, citadas por Grandean, um residuo contendo 8.933.333 bacterias por centimetro cubico — bacillos Coli e Eberth — ficou reduzido a 44.333 bacterias inoffensivas da agua, sendo a purificação na proporção de 94.45 %, e podendo essas aguas ser despejadas directamente nos rios.

A esse systema ou a outro analogo, váe o departamento do Sena recorrer para purificar as suas aguas de exgoto, sendo empregado pela cidade de Pariz em concurrencia com a *épannage*, que funciona muito bem, quando a superabundancia dos liquidos não excede á capacidade dos campos. Não haverá communa, por insignificante que seja, que não possa purificar os seus detricos. Os proces-

sos aérobios se prestam a tudo: ha, actualmente, na Inglaterra, usinas que tratam as suas aguas residuarias.

* * *

Discorrendo, com a sua reconhecida competencia, sobre esta materia, o dr. Carlos Sampaio deu uma estatística sobre a acceitação dos processos bacteriologicos:

«E' a Inglaterra o paiz mais avançado em questões de exgoto, só havendo 24 cidades applicando ainda o systema de fossas fixas e 40 e de barris moveis. Todas as outras tem adoptado a *water-carriage*, terminando pela depuração que, em grande parte, ou é pelo systema de irrigação, ou por infiltração intermitente, ou pelos leitos de contacto e, só, pelo systema Camerougo 80.

Das 1.096 cidades dos Estados Unidos, de mais de 3.000 habitantes que tem exgotos sanitarios, só 95 purificam as suas aguas residuarias, sendo 21 por irrigação, 27 por filtração intermitente, 22 por tanques septicos e leitos de contacto, 10 por precipitação chimica, 7 por filtração em areia e 4 por simples sedimentação.

Na Allemanha, ha 268 cidades de mais de 15.000 habitantes, das quaes 64 clarificam o *sewage* e 21 tratam pela irrigação.

Na França sobre 616 cidades de mais de 5.000 habitantes, 294 não tem nenhum exgoto, 257 tem exgotos pluviaes (não recebendo ao menos officialmente materias fecaes), 65 applicam o *tout-à-légout*, todas, mesmo Pariz, tem um certo numero de fossas fixas, barris moveis, etc. Dessas 65, só numa pequena parte dá-se a purificação, e só agóra estão em projecto ou em via de execução para as cidades principaes seguintes: Toulon, tanques septicos e leitos de contacto; Lille, Avignon, Rouen systema Howatson, Havre lança no mar, Reims, Montluçon, Clermont-Ferrand, Lyon, campos de irrigação.

No Brazil pouco se tem feito e só merecem especial menção as installações biologicas estabelecidas em S. Carlos do Pinhal e em São João do Rio Claro.»

O Club de Engenharia, em um bellissimo parecer onde encontrámos a estatística citada, aconselhon ao pre-

feito de Nictheroy a adopção dos systema moderno de saneamento pelos processos biologicos.

O opusculo do Club de Engenharia, contendo o parecer do dr. Carlos Sampaio, é um lucido e erudito trabalho sobre esse importantissimo problema.

CUJAS.

THEATRO

Sarah Bernhardt, que hontem nos deixou—talvez com mais saudades da Sarah d'outr'óra que da de hoje—despediu-se do Rio com o *Hamlet*.

Os que conhecem a tragedia de Shakespeare, segundo a adaptação lucida e a allucinante execução dos italianos, não puderam ter do trabalho da velha actriz a mesma impressão de esthesiada delicia. Essa é que é a verdade, e si os applausos não foram copiosissimos, como ella os deve ter querido, nunca a nossa platêa mostrou, com tanta calma, calma de uma expectativa que se desfazia, tão sufficiente juizo e tão justa medida do seu prazer.

A *voix d'or* foi-se, e por mais que se quizesse refazer de muitas ligas, para ser a de um principe nessa altura de Hamlet, ella apenas saía num som que já não é mais o antigo gorgoeio. Vinha numa regra monotona, sem as perturbantes tonalidades que toda a gente quer que haja no sentimento daquelle papel de exasperos e flexuosas calunias. Quando não era isso, era uma voz quasi ronca, falhada, com estridencias que nos raspavam sensações de calefrio pelo corpo.

Além disso, não nos póde a sua universal reputação convencer, apesar da fala constante dos seus triumphos com o Hamlet, de que Sarah não está deslocada nesse papel. Todo o seu genio é insufficiente para levar ao palco esse typo que tem sido a allucinação de tantos genios outros, mortificados na anciania de o esculpirem. Insufficiente, porque todo o seu genio é feminino, feito num ponto de delicadeza e doçura que se não entalha nesses mysterios, nesses variantes estados d'alma do principe—mesmo quando o principe apparece doído, como na scena de autenhontem, das mutilações que a adaptação lhe fez.

Depois, a velhice, os sessenta annos de Sarah, bem gastos, a metade dos quaes passada na sóva dos nervos; essa velhice a que ella deveu, na noite do *Hamlet*, tantas evidentes fadigas e extincções dolorosas dos seus restos de força!

Sarah é um assombro! Bravos! E' tudo isso—que, por desgraça, não evita a nossa decepção, decepção que os senhores estão no direito de apertar entre os nomes meios feios.

A platêa, no fim do espectáculo, fez-lhe uma ovação de despedida, de perturbada saudade. Era um carinho, era um respeito á memoria do que passou. Era uma litania de *crepusculo dos deuses!*

Em compensação, quando saíu do theatro, Sarah foi a eterna *cabotine*: recebeu com ultra paternal affecto, (que é preferivel a *maternal*) a homenagem nacional dos seus admiradores—uma meia duzia de pirralhos que levavam na humanidade dos olhos e na parada de um enternecido sorriso, as fósquinhas mais amigas.

VARIO & C.

XADREZ

3.º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Tem corrido o torneio com interessantes peripecias—victorias e derrotas as mais inesperadas. Ainda não se póde prever o resultado final, mas já se póde assegurar que uns 10 concurrentes estão fóra de combate. José Piza bateu Theophilo Torres.

—Deixamos de publicar o quadro das partidas jogadas, por não haver alteração sensivel até ao dia 13; provavelmente no proximo numero, teremos o resultado final. Quem nessa data estava mais bem collocado era Raul de Castro—9 pontos em 11 partidas; seguem-se: Heitor Bastos—9 em 12; José Piza e Theophilo Torres—7 1/2 em 10; R. S. Quayle—8 em 12; Augusto Silva—8 1/2 em 14.

—Jogaram-se até ao dia 13 do corrente 91 partidas.

OUTRAS NOTICIAS

—Conta-se que em um torneio internacional, de que fazia parte o grande Lasker, se inscreveu um amator de força menos que media, que soffreu tantas derrotas quantas partidas jogou. Chegando a vez de jogar com Lasker, este, para infligir-lhe um justo castigo pela sua inconsciencia em se aventurar a medir-se com semelhantes parceiros, jogou-lhe a seguinte partida:

Branças	Pretas
(X.)	(Lasker)
P 4 R — 1 —	P 3 B R
P 4 D — 2 —	P 4 C R
D 5 T R mate — 3 —	

Compreende-se a flagelladora intenção debochativa do campeão.

—O problema que hoje publicamos, interessante como se verá, é de uma distincta amadora de São Paulo, que no *Diario Popular* dessa cidade tem publicado diversos trabalhos desse genero. Sirva este exemplo de estímulo ás nossas patricias, que fogem do xadrez com tanta aversão.

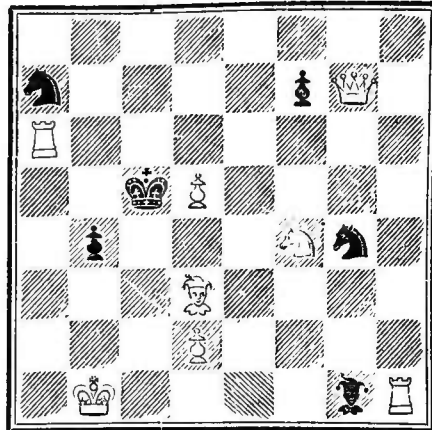
—No proximo dia 16 de outubro começou no Club de Xadrez de S. Paulo (rua da Boa Vista n. 20), o torneio para o campeonato do Club no anno de 1906. A divisão será feita por classes, e não por grupos, como em annos anteriores se praticava. A inscripção se encerrou no dia 9 de outubro. A entrada é de 5\$000. Acompanharemos as peripecias da lucta, e desde já pedimos ao amavel correspondente que nos forneça taes informações a fineza de nos trazer ao par dos successos do torneio e de nos enviar algumas das melhores partidas que ahi se jogarem.

PARTIDA Nº 24
(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 4 de outubro de 1905)

PROBLEMA N. 23

Carmen

PRETAS (6)



BRANÇAS (8)

Mate em 2 lances

RUY LOPEZ

Branças	Pretas
(Heitor Bastos)	(Frota Pessoa)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 5 C — 3 —	P 3 T
B 4 T — 4 —	C 3 B
Roque — 5 —	B 2 R
P 3 D — 6 —	P 4 C D
B 3 C — 7 —	P 3 D
P 4 T D — 8 —	B 5 C R
B 3 R — 9 —	C 4 T D
C 2 D — 10 —	C X B
C X C — 11 —	Roque
P 3 T R — 12 —	B 4 T
C 2 D — 13 —	C 2 D
P 4 C R — 14 —	B 3 C
P 4 D — 15 —	P 4 T R
D 2 R — 16 —	T 1 C
P X P C D — 17 —	P X P C D
C 3 C D ? — 18 —	P X P C R
P X P — 19 —	B X P R
B 1 B D — 20 —	B X C
D X B — 21 —	B 4 C D
R 2 C — 22 —	B X B
T D X B — 23 —	D 4 C R
T 1 T R — 24 —	C 3 B R
R 3 C — 25 —	P 5 R
D 2 R — 26 —	P 3 C R
T 3 T — 27 —	C 4 T x
R 2 T — 28 —	C 5 B
D X P R — 29 —	C X T
R X C — 30 —	R 2 C
P 4 B R ? — 31 —	T 1 T x
R 3 C — 32 —	D 5 T x
R 3 B — 33 —	D 6 T x
R 2 B — 34 —	D 7 T x
D 2 C — 35 —	D X P x
R 1 C — 36 —	D 6 R x
R 1 B — 37 —	T 6 T
C 2 D — 38 —	T 1 R
D 2 B — 39 —	T 8 T x
abandonam — 40 —	

PROBLEMA N. 22 (F. Reimann): Por descuido, não se disse no numero passado que este problema é em dois lances.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.